

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO

PIBID TEATRO: impactos e desdobramentos do programa na formação de alunos e bolsistas

Manoela König Schmidt

Porto Alegre, dezembro de 2015

Manoela König Schmidt

PIBID TEATRO: impactos e desdobramentos do programa na formação de alunos e bolsistas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Teatro do Departamento de Arte Dramática, do Instituto de Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientação:
Prof. Dr^a. Adriana Jorge L.M. Ramos

Porto Alegre, dezembro de 2015

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Zenilda König Schmidt e Manoel Osório Schmidt por tornarem meus sonhos possíveis, por batalharem comigo e batalharem por mim, por estarem presentes, por todo amor e suporte que me deram e ainda dão, por fazerem com que eu tivesse a chance de abraçar as chances que a vida me deu.

Agradeço aos meus irmãos Lucas König Schmidt e Leonardo König Schmidt, e a minha prima Emily König Tietböhl, por dividirem comigo todos os momentos da minha vida e, por direta ou indiretamente, me fazerem evoluir.

Agradeço aos amigos que me ofereceram a mão durante o processo, especialmente Eriam Roberto Schoenardie e Eduarda Zanchet Bordignon, por me aconselharem, apoiarem, e por me darem a chance de ser ouvida.

Agradeço a Eveliana Marques, com quem dividi um ano e meio de experiência no PIBID e com quem pude aprender observando, ouvindo, compartilhando.

Agradeço a todos os entrevistados pelo interesse, empenho e por dividirem comigo histórias tão pessoais.

Agradeço a Professora Dr^a. Vera Lúcia Bertoni dos Santos, a quem devo praticamente tudo de melhor que aconteceu durante o meu percurso acadêmico, e especialmente por ter proporcionado dois dos melhores anos da minha vida através do intercâmbio na Universidade de Évora.

Agradeço a minha orientadora, Professora Dr^a. Adriana Jorge L.M. Ramos, pela paciência, pela calma e por ter causado os desequilíbrios necessários para que eu criasse. Agradeço por, desde o início, ter me estimulado a falar sobre o PIBID. Agradeço por ter me apresentado perspectivas de um futuro que se encaixam tão bem com o que eu sinto, penso e desejo.

Do fundo do coração, obrigada.

Mas qual o sentido que possui essa prática para quem a realiza? O que se está levando dessa prática? No que ela altera a visão de mundo, a visão sobre si mesmo, o estar no mundo? Que tipo de ampliação de horizontes ela está trazendo? (PUPO, 2015, p. 04)

Resumo

O trabalho pesquisa a influência da experiência das oficinas de teatro oferecidas pelo PIBID no desenvolvimento sensível dos alunos e bolsistas, assim como o desdobramento para a vida acadêmica/profissional. A pesquisa se apoiará em depoimentos de alunos e bolsistas do subprojeto PIBID Teatro da UFRGS, no Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto e no Instituto de Educação General Flores da Cunha. Será também apontada a história do programa e as transformações a que se submeteu até o presente momento.

Palavras-chave: PIBID; Teatro; Educação.

Abstract

This work searches for the influence of the experience of the workshops of theater given by the PIBID, in the sensible development of students and scholarship students, as well as the deployment to the academic/professional life. The research will be based in statements of students and scholarship students of the *subprojeto PIBID Teatro – UFRGS*, in the *Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto* and in the *Instituto de Educação General Flores da Cunha*. The history of the program and the remakings that are being uploaded since the beginning until now will be appointed as well.

Key-words: PIBID, Theater, Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto Victória Silva	20
Figura 2 – Desenho Maria Vitória Valença	25
Figura 3 – Tabela Maria Vitória Valença	25
Figura 4 – Texto Liv Beckenkamp	26
Figura 5 – Texto Micaela Gonzalez	27
Figura 6 – Texto Micaela Gonzalez	28
Figura 7 – Texto Nairim Tomazini	29
Figura 8 – Texto Laura Afonso	30

Sumário

Introdução	8
Objetivos	11
Capítulo 1	12
Capítulo 2	18
Conclusão	38
Anexos	40
Referências	57

Introdução

Descobri o teatro com cerca de 14 anos, em 2007. Sou de uma cidade pequena, do interior do estado, chamada Terra de Areia. Lá havia apenas um grupo de teatro, o *TeArte*, sob a direção de Adriano Lima e subsidiado pela prefeitura da cidade.

Os ensaios do grupo eram realizados no auditório da Escola Estadual Professora Erica Marques, onde cursei parte do ensino fundamental e o ensino médio completo. Além de abrigar os ensaios, o auditório da escola também era utilizado para a realização do FESTA, Festival de Teatro de Terra de Areia, organizado pelo mesmo grupo.

Em 2007 tive a chance de assistir alguns espetáculos dentro deste festival, sendo este o meu primeiro contato significativo com o teatro. A partir daquele momento estava decidida a participar do grupo.

Em 2008 passei a integrar o elenco e já nesse ano encenamos a peça escrita e dirigida por Adriano Lima: *Palhaços em Preto e Branco*. Participamos do *X Mar em Cena*, festival de teatro da cidade de Capão da Canoa, onde recebi o prêmio de melhor atriz na categoria infantil. Participamos também do Festival de Teatro de Osório, onde fui indicada a melhor atriz e fizemos várias outras apresentações em diversos locais, principalmente em escolas.

Foi um ano intenso para mim, estava descobrindo que o teatro era o meu lugar ao mesmo tempo em que descobria a importância de pertencer a um lugar.

Infelizmente, no final de 2008, o grupo teve que parar o trabalho. Como era subvencionado pela prefeitura, assim que o partido vigente mudou, os cortes atingiram a área da cultura e tivemos que encerrar as atividades. Fiquei até 2011 sem ter como fazer teatro.

Em 2010 fiz meu primeiro vestibular. “Teatro, com certeza”. Passei na prova específica, mas não na teórica. 2011: “Teatro, com certeza”. Fiz cursinho, estudei em casa, estava decidida. “Este ano consigo. Este ano vou para Porto Alegre!”. Consegui, fui aprovada. Em 2011 ingressei no Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Tudo era novo, a cidade, as pessoas, as aulas, as conversas, os comportamentos. “Dei de cara” com uma vida completamente diferente da minha. Nunca me disseram como seria, nem que seria tão diferente, mas foi. Foi um tapa ao mesmo tempo em que foi um abraço. Um tapa e um abraço dia após dia.

Por quê? Primeiro porque eu não entendia o que estava acontecendo, eu tinha 17 anos e estava vindo de uma cidade de 10 mil habitantes. Eu não tinha consciência do que existia além das ruas que eu estava acostumada a caminhar, além do que via pela janela do meu

quarto. Foi difícil me inserir, descobrir que estava tão aquém do conhecimento que meus colegas possuíam (tanto sobre teatro quanto sobre a vida). Foi duro enxergar, questionar e desconstruir os meus próprios preconceitos. Foi custoso notar que me faltava tanta coisa, como ser humano, aluna, atriz.

Porém, ao mesmo tempo me admirava ao entrar em contato com um mundo novo, ao sentir a minha sorte por poder participar de coisas que me fariam crescer (mesmo que arduamente), ao sentir a minha sorte por poder estar em uma universidade federal, morando em uma cidade que tem muito para oferecer, conhecendo pessoas novas e principalmente, estudando aquilo que amo.

Foi um início conturbado. Tive que aprender, muitas vezes sozinha, a me superar. Mas permaneci, lutei.

Em 2012, através da ajuda da Professora Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos, a quem devo muito do que aprendi e vivi durante esses cinco anos, fui selecionada, juntamente com mais um colega do teatro, Eriam Roberto Schoenardi, e cinco das artes visuais, para uma bolsa de intercâmbio na Universidade de Évora, em Évora/Portugal.

Morei nessa cidade por dois anos, de 2012 até 2014. Évora é muito diferente de Porto Alegre, tem cerca de 40 mil habitantes e ainda segue muitas tradições, mas foi uma das experiências mais marcantes da minha vida (que sei que não é longa, possuo ainda 22 anos, mas tenho certeza que vai repercutir nos próximos que ainda terei).

Foi a primeira vez que fiquei tanto tempo longe de casa, longe dos pais e de tudo aquilo que era seguro. A independência veio com pressa e a necessidade de saber ser independente com muita força. Sinto que cresci principalmente porque, para fazer o que era preciso, eu tinha que fazer por mim mesma.

Vivi coisas que jamais imaginei que teria a chance de viver. Vi coisas que achava que veria apenas pela internet, conheci pessoas do mundo todo, estive em vários lugares que sonhava conhecer, vi teatro de mil e uma formas, vivi teatro de mil e uma formas e, mesmo que o objetivo do intercâmbio fosse ganhar conhecimento sobre aquilo que estava estudando, sinto que meu crescimento mais valioso foi como ser humano. Não tenho como dizer o que causou isso, mas sei que foi lá que aconteceu, foi lá que me tornei mais consciente, empática.

Em agosto de 2014 retornei para o Brasil. Foi um choque. Estava acostumada à segurança, à leveza de poder fazer as coisas sem pressa, à companhia de amigos 24h por dia (eu morava em uma residência de estudantes), a uma situação econômica menos abusiva (mesmo em crise a população não sofre tanto quanto aqui). Voltar foi como se eu não tivesse vindo, meu afeto ainda estava lá, apenas meu corpo estava do lado de cá.

No primeiro semestre de 2015 fiz uma cadeira chamada Metodologia do Ensino do Teatro, com o Professor Dr. Mesac Silveira e a professora Vera Bertoni. Foi um divisor de águas (em 2011, quando fiz a inscrição para o vestibular, optei por Licenciatura em Teatro e, mesmo tendo passado por experiências com outras cadeiras desta área, até então me via mais atriz do que professora).

Fazendo essa cadeira, depois de ter realizado o intercâmbio e estar ao mesmo tempo fazendo parte do PIBID, compreendi e absorvi a potência da educação, do teatro dentro da educação, do meu papel como educadora. Apaixonei-me.

Conheci Paulo Freire, Jorge Larrosa Bondía, voltei a entrar em contato com Augusto Boal, Viola Spolin. Todos me ensinaram o poder de ser educador, o valor da profissão de professor, sua importância, sua magnitude.

Várias experiências me fizeram ser quem sou hoje, não apenas as que cito aqui, mas principalmente essas, e é por saber empiricamente a importância que cada uma delas teve para a construção da minha personalidade, para o meu desenvolvimento sensível e intelectual, que desenvolvo essa pesquisa. Como o teatro teve forte impacto na minha vida, impulsionei-me a descobrir se essa força também atinge àqueles que participam ou já participaram do PIBID Teatro da UFRGS (neste caso, no Instituto de Educação General Flores da Cunha e no Colégio Marechal Floriano Peixoto) tanto como bolsistas, quanto como alunos das oficinas, e quais foram os desdobramentos das experiências que tiveram.

Objetivos

- Apresentar o panorama histórico do PIBID Teatro realizado na UFRGS, apontando as transformações que ocorreram desde o seu surgimento até o presente momento;
- Discutir a importância do PIBID como experiência pedagógica para os discentes participantes das oficinas de teatro realizadas no Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto e no Instituto de Educação General Flores da Cunha.

Capítulo 1

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) faz parte de uma política de incentivo à docência em escolas públicas, realizado através do intercâmbio entre instituições de Ensino Superior e de Educação Básica. O projeto já existe há mais de 10 anos e abrange instituições por todo o país. O financiamento é realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) do Departamento de Educação Básica (DEB) do Ministério da Educação (MEC), através de bolsas e verba de custeio.

Segundo a CAPES, o projeto pretende viabilizar a inserção do aluno do ensino superior, sob a perspectiva de um futuro docente, no ambiente das escolas da rede pública, contando com a supervisão do coordenador da área e de um professor da escola. O projeto visa criar a oportunidade de colocar o bolsista em contato direto com experiências metodológicas, tecnológicas e de práticas docentes.

Além de incentivar a docência dentro da escola pública, aprimorar a formação dos alunos de licenciatura, fazer a relação entre a teoria e a prática vinculando os futuros professores com o ambiente das salas de aula da rede pública, o programa procura também promover melhorias nas escolas onde o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) seja inferior à média nacional, entre outros.

Na capital do Rio Grande do Sul, o PIBID, implantado juntamente com o surgimento do programa no ano de 2009, ocorre em diversas instituições de Ensino Superior, dentre as quais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que foi pioneira, ao implantar o Programa desde a sua primeira edição.

A UFRGS abarca atualmente 19 Subprojetos,¹ contando com 32 coordenadores, 59 supervisores e cerca de 330 bolsistas de diversas áreas. Foram criados vínculos com aproximadamente 16 escolas da Rede Pública Municipal, Estadual e Federal, como o Instituto de Educação General Flores da Cunha (IE) e o Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto (Marechal), onde se desenvolvem as atividades de iniciação à docência do subprojeto PIBID Teatro, foco deste trabalho, sendo importante salientar que este subprojeto foi o primeiro PIBID Teatro a ser implantado, no ano de 2010.

O Subprojeto PIBID Teatro possui um total de 18 bolsistas: 15 estudantes de Licenciatura em Teatro do Departamento de Arte Dramática (DAD) da UFRGS, dois

¹Todas as informações referentes à quantidade de subprojetos, coordenadores, supervisores, bolsistas e escolas vinculadas que aparecem nesta pesquisa provém dos sites de apresentação do PIBID (ver referências) e podem sofrer alterações depois da data de publicação deste trabalho.

professores supervisores do quadro das escolas que sediam as atividades de iniciação à docência, e uma professora coordenadora, do corpo docente do DAD da UFRGS².

As funções básicas dos bolsistas compreendem: responsabilizar-se por planejar e ministrar uma atividade semanal, que é oferecida na escola selecionada, participar de uma reunião geral, também semanal, na qual são discutidos os conteúdos e procedimentos das aulas desenvolvidas, os desafios enfrentados e a relação estabelecida com a comunidade escolar, dentre outros aspectos, participar dos seminários do PIBID e, no final de cada semestre, registrar em um relatório como foi o processo da experiência.

Na escola, o bolsista tem duas opções: realizar uma oficina ou estabelecer uma colaboração com algum professor da disciplina de Artes ou de outra disciplina, que se disponha a trabalhar em parceria, oferecendo a sua sala de aula como laboratório de atividades de teatro, numa perspectiva de contribuição ao planejamento e às demandas da disciplina e de interação entre os licenciandos em teatro e os estudantes das escolas. As oficinas permitem que o trabalho de iniciação à docência se realize em duplas; e as turmas são heterogêneas, ou seja, os alunos podem ser de séries e idades variadas, dependendo da proposta do bolsista PIBID/oficineiro³.

As aulas são oferecidas no turno inverso às atividades de classe dos estudantes das escolas. Este contrafluxo possibilita uma maior abrangência de alunos, assim como oferece a chance de multiplicar as vivências dentro da escola e desenvolver de maneiras diversificadas outras esferas do conhecimento.

Para a colaboração, o bolsista, sob intermédio do professor supervisor, entra em contato com um dos professores interessados e dispostos a acolher uma proposta de teatro, toma conhecimento do plano de ensino da disciplina e das expectativas em relação à sua participação, e passa a acompanhar a turma e trabalhar dentro do horário regular das aulas.

É importante contextualizar o surgimento do Subprojeto de PIBID Teatro historicamente, visto que a escolha das escolas onde ele iria funcionar não foi aleatória. Em 2010, o teatro passou a fazer parte do PIBID da UFRGS, sendo o IE selecionado para sediar o

² Em dezembro de 2015, compõem a equipe do PIBID Teatro da UFRGS os seguintes bolsistas: (Aloisio Dias Da Silva, Ariel Vilhalva Alves De Medeiros, Eriam Roberto Schoenardie, Eveliana Marques, Gildo Joaquim Carvalho Dos Santos, Gloria Priscila Souza Martins, Laura Oliveira Lima, Leonardo Menezes Da Silveira, Manoela Konig Schmidt, Marcelo Mertins, Mayura Antunes De Matos, Paula Nunes Lages, Pilar Barcellos Sanchez, Robson Reinoso Machado e Rodrigo Rocha Goncalves) (estudantes de Licenciatura em Teatro); João Airton dos Santos Lopes (docente supervisor do IE) e Silvia Regina Ferrari Lucas Alves (docente supervisora do Colégio Marechal); e Vera Lúcia Bertoni dos Santos (docente coordenadora).

³ Bolsista PIBID/ Oficineiro: termo utilizado pela autora para unir as funções de bolsista do PIBID e professor nas escolas selecionadas pelo PIBID Teatro da UFRGS.

trabalho, pela Coordenadora do Subprojeto de Teatro, por se tratar de uma escola tradicionalmente reconhecida nacionalmente pelo pioneirismo no ensino de teatro, mas, que se encontrava desprovida de um professor com formação em teatro e destituída de ações que fomentassem o teatro junto à sua comunidade.

A necessidade de conhecer as possibilidades e os limites da escola em relação à prática teatral e cênica gerou uma pesquisa, que foi realizada pelos bolsistas do momento. A investigação tratou de várias questões, entre elas: o teatro faz parte da grade curricular? Os professores são qualificados para dar aulas na área? Os projetos desenvolvidos abarcam a prática teatral?

Descobriu-se um cenário de total carência de professores licenciados em teatro, ausência da prática teatral dentro da grade curricular e, no caso do Instituto de Educação, um encontro inesperado com um núcleo de teatro fundado na década de 60, o TIPIE, em total estado de descaso.

O trabalho envolveu então ações de recuperação do TIPIE (Teatro Infantil Permanente do Instituto de Educação). Fundado por Olga Reverbel, O TIPIE é visto até hoje como pioneiro “no que tange à inclusão do teatro como disciplina curricular.” (SANTOS, 2012, p. 10). O núcleo “funcionou durante cerca de 20 anos como Laboratório de Teatro e Didática, com objetivo de formar professores para a escola primária” (JOSÉ OLYMPIO EDITORA, 1978). Era um lugar de reflexão sobre a prática teatral dentro do ensino básico, recebendo destaque nacional entre as décadas de 1960 e 1970.

Vale ressaltar que Olga Reverbel é conhecida não apenas pelos feitos realizados dentro do Instituto de Educação, mas por pensar o teatro e educação em um todo. Flávio Loureiro Chaves, na apresentação do livro *Teatro na Sala de Aula*, de Olga Reverbel, comenta sobre o trabalho realizado pela autora: “[...] as atividades dramáticas que propõe pretendem sempre a humanização do teatro; o teatro visa à humanização do indivíduo, liberando a criatividade, humanizará o seu mundo” (CHAVES, In: REVERBEL, 1978, p. IX).

Quando encontrado, o núcleo estava desativado e, em decorrência disso e da carência de professores da área, a sala de teatro do Instituto estava sendo usada como depósito.

Vendo a oportunidade que a sala do TIPIE trazia como espaço para produção artística e levando em conta seu histórico descaso por parte das políticas públicas educacionais e da falta de incentivo às práticas artísticas, os estudantes bolsistas, juntamente com o professor Geraldo Bueno Fischer, então supervisor do PIBID no IE, e com a coordenadora, professora Vera Lúcia Bertoni do Santos, decidiram investir forças para resgatar o TIPIE e assim capacitar, “[...] mediante ações de experimentação, produção e difusão do teatro como

possibilidade de formação estética dos estudantes do IE...” (SANTOS, 2012, p. 10) a prática teatral dentro do instituto.

Em decorrência disso, foi realizada uma operação de recuperação da sala do TIPIE: utilizada como depósito e local de atividades esporádicas de educação física e atividades recreativas, a sala encontrava-se amplamente danificada: cortinas caindo, figurinos mofando, danos no piso, paredes sujas e descascadas, iluminação precária, poeira etc (CORREA, In: SANTOS, 2012, p.24).

O espaço físico do TIPIE compreendia um local de trabalho com potencial, pois possuía mais de 100 m² de área, além de piso adequado para trabalho prático, um ambiente arejado e outros aspectos que diferenciavam o local das outras salas de aula, então o PIBID Teatro se empenhou de fazer da sala um local adequado ao trabalho novamente.

O ato de revitalização realizado envolveu o “[...] lixamento e tratamento do piso; a retirada de persianas danificadas; a lavagem e reforma das cortinas [...]; e pintura das paredes e aberturas” (CORREA, In: SANTOS, 2012, p.27). A sala recebeu regras de limpeza para a manutenção do ambiente de forma higiênica e própria para o trabalho com as turmas.

Para iniciar o trabalho, os bolsistas executaram pesquisas de interesse acerca do teatro e de revitalização do TIPIE junto à comunidade escolar e à equipe diretiva da escola. Assim que recolheram os dados resultantes das pesquisas, iniciaram um processo de reflexão sobre eles, que se realizou paralelamente ao trabalho prático, de oficinas abertas aos estudantes da escola, oferecidas em horário inverso às atividades de classe e desdobradas nos três turnos. A primeira oficina, chamada de *Degustação Teatral*, envolveu um trabalho com

[...] a exploração de capacidades motoras, corporais, lúdicas, expressivas, dramáticas e representativas inerentes à comunicação cênica; a aprendizagem da socialização e da cooperação [...] e o estímulo à formação de espectadores, primordial à reflexão sobre o fenômeno teatral (SANTOS, 2012, p. 12).

Além das oficinas, aconteciam trabalhos denominados na época como “intervenção pedagógica”, nos quais o teatro se mesclava a diferentes disciplinas, como Música, História, Artes Visuais e Língua Portuguesa, e as aulas eram planejadas juntamente com os professores dessas áreas.

Desde o seu surgimento, o PIBID Teatro visou proporcionar a possibilidade de colocar os alunos do IE em contato com o teatro, assim como dilatar e avolumar o processo

acadêmico dos bolsistas e ressaltar a importância de professores capacitados e da inclusão do teatro como disciplina dentro das escolas básicas de Porto Alegre.

Atualmente, o PIBID está presente no IE através de sete bolsistas, e conta com duas oficinas e duas colaborações. No Colégio Marechal Floriano Peixoto existem oito bolsistas e o trabalho desdobra-se em três colaborações e duas oficinas.

Desde o seu início até então, o PIBID passou por algumas transformações. Quando surgiu, eram realizadas divulgações sobre as oficinas e depois as inscrições. Atualmente as divulgações acontecem esporadicamente, e já não são realizadas inscrições; os alunos, nas oficinas, tem total liberdade de trânsito, sendo que a importância da linearidade das presenças é sempre ressaltada em prol da construção e conscientização do trabalho coletivo.

Quanto às colaborações, no início do projeto, recebiam o nome de “Intervenções Pedagógicas”, mas como a proposta é que haja um trabalho conjunto no qual bolsistas e professores trocam e discutem sobre as aulas, e não um trabalho feito apenas pelo bolsista dentro da aula de um professor, o termo utilizado foi modificado.

Criou-se também a Troca de Figurinhas, um evento que acontece no final de cada semestre, no qual todas as turmas são convidadas a apresentarem criações advindas das oficinas e colaborações. Atualmente a Troca de Figurinhas acontece na sala do TIPIE, no Instituto de Educação. É aberta ao público e promove também um intercâmbio entre o IE e o Marechal, já que ambas as escolas se apresentam no mesmo dia e no mesmo local.

No que diz respeito a minha experiência de campo, ministro uma oficina juntamente com a bolsista e amiga Eveliana Marques. As aulas abrangem cerca de 15 à 20 alunos. Alguns estão na turma desde quando começamos o processo, o que compreende um período de um ano e meio. A faixa etária dos alunos que frequentam a oficina estende-se dos 13 aos 17 anos. Vale adicionar que o tema da oficina é Improvisação e Presença Cênica, os encontros são semanais e tem duração de uma hora e dez minutos.

Também é importante levar em consideração que o PIBID, nos dias atuais, passa por uma fase de instabilidade. Devido ao ajuste fiscal que vem sendo realizado pelo Governo Federal no ano de 2015 (KAPA, 2015), a CAPES sofreu cortes orçamentários que podem acarretar na retirada de mais de 50% das bolsas que são distribuídas pelo país ou até mesmo na sua extinção.

No dia quatorze de outubro do ano de 2015 foi realizado, em frente ao campus central da UFRGS, um protesto contra os cortes que são prometidos para o PIBID. A manifestação envolveu bolsistas, coordenadores de área, a coordenação institucional e outros.

O PIBID atinge cerca de setenta mil bolsistas em todo o Brasil. Só através da UFRGS alcança cerca de vinte mil alunos da educação básica. Os cortes que prometem acontecer no ano 2016 podem prejudicar significativamente o projeto, segundo a carta de mobilização redigida pelo Fórum Nacional dos Coordenadores Institucionais do PIBID (FORPIBID), tais medidas contrariam e desconsideram o dever de cuidar da manutenção e alargamento do projeto, instaurado por lei na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e no PNE (Plano Nacional de Educação).

Como consequência disto, após o protesto, foram enviadas ao governo 1500 assinaturas defendendo a permanência do PIBID, bem como e-mails, vídeos etc. Espera-se que a amplitude do programa e os depoimentos sirvam como suporte para a preservação do PIBID e o cumprimento das leis que preveem a sua perseverança.

Capítulo 2

As entrevistas⁴ realizadas com os alunos e bolsistas do subprojeto PIBID Teatro do Instituto de Educação e do Colégio Marechal Floriano Peixoto revelaram vários pontos recorrentes nos depoimentos. O presente capítulo tem o intuito de refletir sobre esses pontos, apresentando e analisando a influência da experiência para o desenvolvimento sensível e intelectual destes alunos e bolsistas, assim como discutir acerca do teatro dentro do ambiente escolar apoiando-se nas visões dos entrevistados.

Em ambas as escolas, todos os alunos confirmaram a falta da prática teatral dentro da grade curricular. Ela só veio surgir com o PIBID. Na maioria das vezes os alunos ficaram sabendo das oficinas por meio das divulgações realizadas pelosicineiros. Porém, eles trouxeram nos relatos que muitos foram impulsionados por professores das escolas, como João Lopes, professor de Educação Física (e supervisor do subprojeto) e Geraldo Fisher, professor de Artes (ambos do Instituto de Educação), que não só ajudaram a divulgar as oficinas quando essa parte não era realizada pelos bolsistas, como também motivaram os alunos a participarem.

Uma das questões realizadas durante a entrevista foi sobre as condições das salas nas quais eram oferecidas as oficinas de teatro. Anteriormente, no capítulo um, falou-se sobre o TIPE e a reforma efetuada através do PIBID pelosicineiros e coordenadores, logo, sabe-se que a sala está em perfeitas condições para a prática. No entanto, segundo as informações que os alunos trouxeram, as aulas no Colégio Marechal eram realizadas em uma sala de aula comum, onde eram obrigados a empurrar as classes para criar espaço para as atividades. Perguntei aos alunos do Marechal se existia algum lugar na escola preparado para aulas de teatro, William disse:

“Olha, se tinha eu não tive contato, porque a sala onde fazíamos a oficina era uma sala onde precisávamos arredar tudo, colocar mesa em cima de mesa. Era uma sala de aula normal.”

A frase de William se assemelha muito ao texto de Marcia Strazzacapa que vem sendo consultado durante este trabalho: *Empilhando carteiras à procura de um espaço vazio*, onde a autora reflete sobre o ensino da arte e o trabalho corporal dentro das escolas:

⁴ Todas as entrevistas realizadas foram transcritas e se encontram no apêndice deste trabalho; a transcrição foi efetuada buscando manter a oralidade dos entrevistados/entrevistador.

Empilhar carteiras para se conseguir um espaço vazio é praticamente condição *sine qua non* para quem se propõe a ministrar aulas de dança e/ou de teatro na escola. Raramente as instituições de ensino formal têm um espaço específico para atividades deste porte. Verificamos que não estão preparadas nem equipadas para acolher outras formas de ensino-aprendizagem que não seja a convencional: sala de aula com carteiras e lousa, para os alunos permanecem sentados e o professor à frente falando. (STRAZZACAPA, 2008, p. 3)

Como se pode observar, esta realidade existe não apenas no Colégio Marechal, mas no dia-a-dia de inúmeras escolas, que não possuem salas de aulas específicas para o trabalho corporal, com requisitos básicos como higiene, chão apropriado, equipamentos de som e luz, entre outros.

Apesar disso, o PIBID encontrou maneiras de se fazer presente nas duas escolas, tanto através da reforma realizada no TIPIE do Instituto de Educação, quanto se adaptando ao espaço oferecido pelo Colégio Marechal.

Seguindo a entrevista, os alunos foram questionados sobre o que os motivou a participarem do projeto. Além do estímulo que receberam por partes dos professores, como foi citado acima, as respostas vieram de formas variadas:

Camile Villanova: Eu sempre me interessei por teatro e eu sempre fugia do teatro, então um dia eu parei “Não, espera aí, tem alguma coisa errada. Por que eu sempre fujo de uma coisa que eu sempre tive interesse?”. Aí eu conversei comigo uma madrugada inteira e cheguei à conclusão de que era aquilo que eu queria fazer para a minha vida.

Nairim Tomazine: Um dia, com 9 anos, a minha mãe disse “Tu vai fazer teatro”, e eu disse “Não”, e ela disse “Vai!”. Aí eu fui e acabei gostando muito e continuei.

Liv Beckenkamp: Logo que entrei no ensino médio, eu tive um período de me descobrir melhor, sabe? E o teatro acho que foi uma das primeiras coisas que pensei “Isso me atrai.”

William Rodriguez: Acho que foi mais pela fantasia que a gente cria com o teatro, no sentido de o teatro não ser convencional, e por ter o negócio de se mostrar... Eu sempre curti poesia, e o teatro tem poesia. E expressão corporal também, o que eu curti no teatro.

Jéssica Castrogiovanni: Eu entrei porque eu achava que na escola nós éramos muito regradados a fazer algumas coisas sem a gente querer.

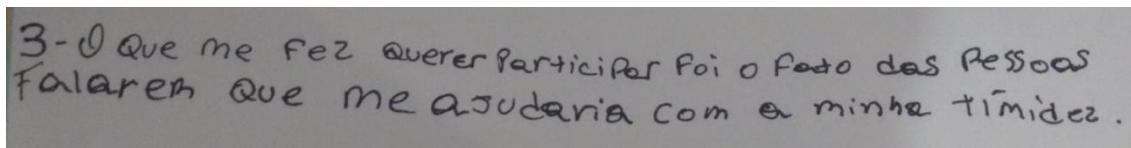


Figura 1 – Texto Victória Silva

3- O que me fez querer participar foi o fato das pessoas falarem que me ajudaria com a minha timidez.

Motivados por diferentes razões, intrínsecas e/ou extrínsecas, cada um destes alunos, assim como vários outros, teve a oportunidade de passar pela experiência, de descobrir, na prática, se o teatro era ou não era um mundo que eles gostariam de habitar. Larrosa diz: “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (LARROSA, p. 06). Para saber se algo nos satisfaz, é preciso prová-lo, é preciso que haja a chance disso acontecer. O PIBID Teatro proporcionou a esses alunos a chance de perceberem se a prática teatral os toca ou não (além de várias outras conquistas, descobertas, experiências etc).

Seguindo por este caminho, quero ressaltar os depoimentos de quatro dos entrevistados, pois após entrarem em contato com o teatro através do PIBID, esses alunos decidiram se inscrever no vestibular para o curso de teatro.

Camile Villanova está atualmente cursando Teatro na UFRGS com ênfase em Direção; as alunas da oficina que ministrou, Nairim Tomazine e Liv Beckenkamp, se inscreveram no vestibular da UFRGS para Bacharelado em Teatro; e o ex-aluno do PIBID, William Fossati, cursa Teatro na UERGS, sendo importante salientar que atualmente é oficinairo do PIBID na sua instituição.

Para esses alunos, que seguiram ou seguem pelo mesmo caminho, é possível realçar a relevância que a possibilidade de experimentar o teatro dentro da escola teve em suas decisões para a carreira profissional. Assim como podem experimentar a matemática, literatura, português, geografia etc, e se identificarem com alguma dessas áreas, ou não, esses alunos tiveram a oportunidade de entrar em contato com uma prática fora do habitual e com a qual se identificaram. Tal coisa não aconteceria se o PIBID não tivesse entrado nas escolas (os terceiros anos do ensino médio não possuem aula de artes, e é possível observar uma defasagem dentro deste conteúdo que acompanha os alunos desde as séries iniciais, segundo comentaram):

“A maioria das aulas de artes que eu tive nas escolas que eu frequentei: o aluno entra em uma sala, recebe uma folha em branco... “Te vira!”. Ou tu faz um desenho ou tu faz a releitura de alguma coisa, de algum desenho que o professor expõe. Não desmerecendo, mas... só isso. Focado em artes visuais.” (Liv Beckenkamp)

Liv segue dizendo que sente que a “deficiência que vem desde a primeira série”, em relação à disciplina de artes e o estímulo à apreciação da mesma fazem com que os alunos não consigam entendê-la e, desta forma, passam a não apreciá-la. Sua linha de pensamento assemelha-se à de Maria Lúcia Pupo quando esta diz que “Não podemos esperar que uma pessoa que nunca sentiu o gosto pela arte vá optar por experimentar essa arte”. (PUPO, 2015, p. 3)

Ainda sobre a carência de conteúdo nas aulas de artes, os dois entrevistados que participaram do PIBID Teatro no Colégio Estadual Marechal Floriano Peixoto relatam suas experiências com o a disciplina e como era a postura do colégio em relação ao ensino de artes:

“Antigamente tinha música, mas o professor saiu da escola, e ficou sem nada.” (Jéssica Castrogiovanni)

“É que a política da escola, como toda escola, cheia de problemas, é de que só o primeiro ano deveria ter a disciplina de música pra ser estudada. O segundo e terceiro ano tinham nada.” (William Fossati)

“Só pensavam no vestibular.” (Jéssica Castrogiovanni)

Continuando neste tema, trago agora outra questão que se repete nas entrevistas e que considero de extrema importância: as aulas do subprojeto PIBID Teatro como lugar de relação com o outro:

“Mas o negócio é, como qualquer escola, porque tem um monte de gente diferente, tem preconceito. E esses preconceitos, quando você é criança, muitas vezes afetam de uma maneira muito drástica na tua vida. [...] E daí eu acho que todo mundo se relaciona, e não se relaciona numa sala onde tem uma classe, um papel, um professor... Então se trata de conhecer as pessoas mais como pessoas, e não como aluno, professor ou colega. E eu acho que isso ajuda, porque tu começa a respeitar melhor o teu amigo, a pessoa que está ao teu lado, e ser respeitado. Sinceramente eu acho que forma pessoas melhores.” (Camile Villanova)

“[...] a nossa escola, não sei se sempre foi assim, mas pela caminhada que eu fiz dentro do ensino estadual, pelo menos, é muito focada só na mente. Tu tem que saber, tem que decorar, e tu não aprende a ser um ser humano, a sentir coisas, a interagir com outros seres humanos.” (Liv Beckenkamp)

“[...] tu não tem o que o teatro, ou artes em geral, te proporcionam, de saber se expressar, de saber ter contato com outros seres humanos, de saber fazer *aqui*, e não no papel. Acho que isso é importante também.” (Liv Beckenkamp)

Essas falas demonstram tanto a defasagem que o ensino de artes apresenta atualmente, quanto a importância que relacionar-se com os colegas e professores de forma mais aberta tem para a vida dos alunos.

Esse aspecto está presente no cerne do que é a prática teatral: teatro é coletivo. Jogos, improvisações, debates, cenas, criação. Aquele que se propõe a participar da experiência teatral está se propondo a relacionar-se com o outro, a olhar nos olhos do colega e praticar o ato da troca.

O teatro [...] cria possibilidades de compreender as semelhanças e principalmente as diferenças entre as crianças, fazendo com que sejam agentes de transformação da convivência. Percebendo seus próprios pensamentos e os comparando aos dos outros, as crianças interagem e cooperam numa alteridade que possibilita a construção da empatia entre todos. (MEDEIROS, 2010, p.15)

O interesse que esses alunos demonstram em conhecer aqueles com quem convivem em um ambiente onde a estrutura física do espaço não os permite olhar nos olhos do outro é gritante, e difícil de compreender porque é tão ignorado.

Eu consigo me colocar no lugar do outro e, a partir dessa minha expansão, consigo ter um outro olhar sobre o mundo.” [...] portanto, a primeira noção para a qual eu gostaria de chamar a atenção é a noção de alteridade. Teatro é uma arte que me permite conhecer melhor o mundo, já que ela me possibilita sair de mim e ver o ponto de vista do outro. (PUPO, 2015, p. 3)

As aulas de artes, por experiência própria e com base nos depoimentos aqui registrados, são voltadas para as artes visuais, e não priorizam o contato com o colega ou com o professor. Segundo a Profa. Dra. Márcia Strazzacappa, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN) publicados em 1997, são quatro as linguagens artísticas que devem estar presentes na educação básica, sendo elas Música, Dança, Teatro e Artes Visuais. Por que o teatro (e também os outros conteúdos) é ignorado?

Geralmente ele aparece como ferramenta para o ensino de outros conteúdos: representações nas aulas de língua estrangeira, história, literatura, ou então é utilizado em datas comemorativas como o dia das mães, dos pais, páscoa etc. Uma das entrevistadas contou que seu primeiro contato com teatro dentro da escola, no caso o Instituto de Educação, foi em uma aula de francês:

Camille diz: Lá não tinha teatro. Mas existiam as professora do CLE [Centro de Língua Estrangeira], de língua estrangeira, então o primeiro contato que eu tive foi na quarta série, quando uma professora do CLE resolveu fazer um teatro em francês, para a gente poder aprender enquanto se divertia.

Sobre o assunto, Márcia Strazzacappa elaborou uma pesquisa com alunas do curso de Pedagogia da Unicamp, onde ministrou aulas práticas a fim de fazê-las compreender a potencialidade do trabalho corporal com os alunos. Ela registrou que as professoras em exercício, após a experiência, passaram a ver aulas de teatro e dança como um “[...] momento de aprendizado da expressão, da criação, da compreensão do sentido de coletivo, do exercício da tolerância, da inclusão, entre outros” (STRAZZACAPPA, 2008, p. 03). Acredito que esses são também diferenciais que a prática teatral pode trazer para dentro do ambiente escolar e que dão suporte para o desenvolvimento pessoal, social e acadêmico do aluno.

Ao trabalhar o relacionamento com outros indivíduos, trabalha-se na formação de um cidadão crítico e consciente, proporcionando experiências de alteridade.

A grande questão é que, quando fazemos teatro, trabalhamos atitudes de respeito e de convivência, não com sermões, não com noções, digamos, de jardinagem ou biologia, mas com o próprio teatro. O recurso que temos para trabalhar o respeito, as questões de ética, as questões de respeito ao outro e de tolerância são os próprios elementos teatrais, ou seja, basicamente o jogo, a potência da dinâmica lúdica. (PUPO, 2015, p. 5)

O preconceito dentro da escola foi um assunto abordado por todos os entrevistados, inclusive quando questionados sobre o apoio de parentes e amigos. Os alunos relataram experiências com preconceito de gênero, *bullying*, entre outros:

Jéssica e William compartilham de que a reação dos amigos ao saberem que ambos estavam fazendo teatro foi positiva, mas tiveram que lidar com preconceitos vindos de outras pessoas. Eles alegaram que a imagem que o teatro tem para essas pessoas é a de que, de alguma forma, quem o pratica, está ligado com drogas e vai acabar “se largando”, ou seja, vai acabar se tornando irresponsável, negligente.

Em um exemplo citado acima, Camile Villanova explica que acredita no teatro como transformador da relação com os colegas, ajudando a combater o preconceito dentro do ambiente escolar.

A aluna Liv Beckenkamp, referindo-se ao preconceito que viveu dentro de casa quando contou aos pais que ia cursar teatro, diz: “[...] é uma resistência que a gente tem que vencer. É só mais uma dificuldade para lidar. A gente vai desconstruindo esse tipo de

preconceito”. O assunto aparece também no relato da aluna Maria Vitória, que encontrou no teatro uma maneira de enfrentar o *bullying* que estava sofrendo por ser muito tímida:

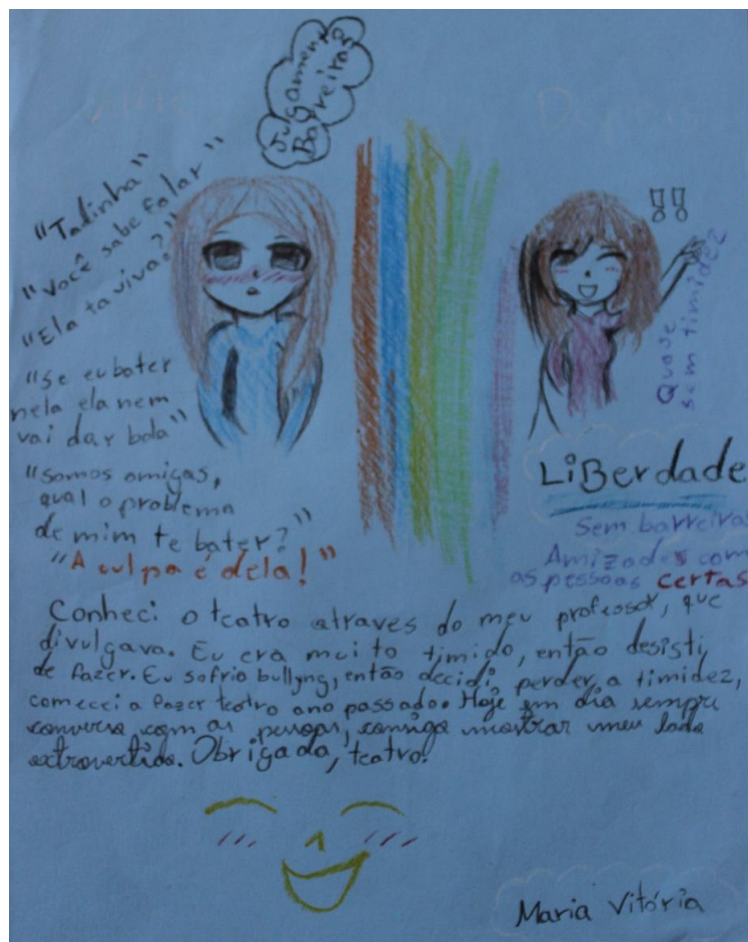


Figura 2 – Desenho Maria Vitória Valença

Antes	Depois
<p>Julgamentos. Barreiras.</p> <p>“Tadinha”</p> <p>“Você sabe falar”</p> <p>“Ela ta viva?”</p> <p>“Se eu bater nela ela nem vai dar bola”</p> <p>“Somos amigas, qual o problema de mim te bater?”</p> <p>“A culpa é dela!”</p>	<p>Quase sem timidez.</p> <p>Liberdade</p> <p>Sem barreiras</p> <p>Amizade com as pessoas certas</p>
<p>Conheci o teatro através do meu professor, que divulgava. Eu era muito tímida, então desisti de fazer. Eu sofria bullying, então decidi perder a timidez, comecei a fazer teatro ano passado. Hoje em dia sempre converso com as pessoas, consigo mostrar meu lado extrovertido. Obrigada, teatro!</p>	

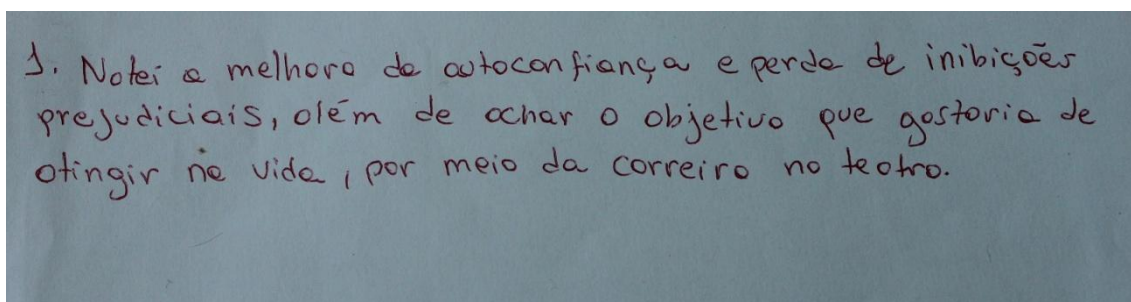
Figura 3 – Tabela Maria Vitória Valença

A imagem retrata o antes de depois da experiência, sendo a primeira figura a representação dos momentos em que sofria *bullying* e a segunda a representação da segurança e da liberdade que passou a sentir com a ajuda da experiência da oficina de teatro.

Essa mudança também está presente no depoimento da atual estudante de teatro Camile Villanova, que abertamente relatou os momentos de desafio e superação pelos quais passou durante o seu período escolar. Seu depoimento abarca questões de gênero, sexualidade e aceitação, pontos que compreendeu, superou e refletiu com ajuda do teatro. Ela diz:

“Eu evoluí muito o meu pessoal principalmente. Eu me sentia mais segura. Até tinha uma coisa: na época, eu comecei a usar o meu cabelo crespo, solto, que eu não usava. Eu sempre prendia ele, porque eu sentia vergonha dele. Fazendo teatro eu comecei a me aceitar melhor, comecei a aceitar a pessoa que eu era, as minhas escolhas. [...] Então eu me aceitei melhor, aceitei as pessoas que estavam comigo, as minhas escolhas, eu não tinha mais medo de ir atrás de alguma coisa (no sentido pessoal, amoroso, profissional). Comecei a me vestir melhor, porque como eu não me aceitava muito bem eu andava sempre com roupa tapada, eu usava roupa de menino porque eu era muito magra e achava o meu corpo feio, feio, feio, nenhum menino ia gostar de mim. E aí eu comecei a me soltar, comecei a usar decote, comecei a usar saia, tudo o que eu quisesse. E foi maravilhoso. Cada vez mais eu fui vendo que aquilo era pra mim, que me fazia bem, eu me sentia no meu lugar quando estava fazendo aquilo.”

Nos depoimentos que recolhi dos alunos da oficina que ministro, também é possível observar inúmeros relatos de aceitação e superação, assim como aspectos que sentiram que foram potencializados através da experiência, tais como:



1. Notei a melhora da autoconfiança e perda de inibições prejudiciais, além de achar o objetivo que gostaria de atingir na vida, por meio da carreira no teatro.

Figura 4 – Texto Liv Beckenkamp

1. Notei a melhora da autoconfiança e perda de inibições prejudiciais, além de achar o objetivo que gostaria de atingir na vida, por meio da carreira no teatro.

Como a oficina interferiu na sua vida pessoal e social?

O teatro abriu minha mente, abriu meus olhos e o meu coração.

A sensação de que tudo é ruim e nada mais tem sentido ou significado era presente, antes do teatro.

Eu não me ~~sintia~~ lembrava de viver. Era tudo automático. O teatro fez eu encontrar o significado da minha vida, fez eu encontrar respostas, achar o que eu realmente quero viver.

O conforto que eu sinto no teatro... Inexplicável.

Uma família de pessoas →

Figura 5 – Texto Micaela Gonzalez

Como a oficina interferiu na sua vida pessoal e social?

O teatro abriu minha mente, abriu meus olhos e o meu coração.

A sensação de que tudo é ruim e nada mais tem sentido ou significado era presente, antes do teatro.

Eu não me lembrava de viver. Era tudo automático. O teatro fez eu encontrar o significado da minha vida, fez eu encontrar respostas, achar o que eu realmente quero viver.

O conforto que eu sinto no teatro... inexplicável.

Uma família de pessoas [continua]

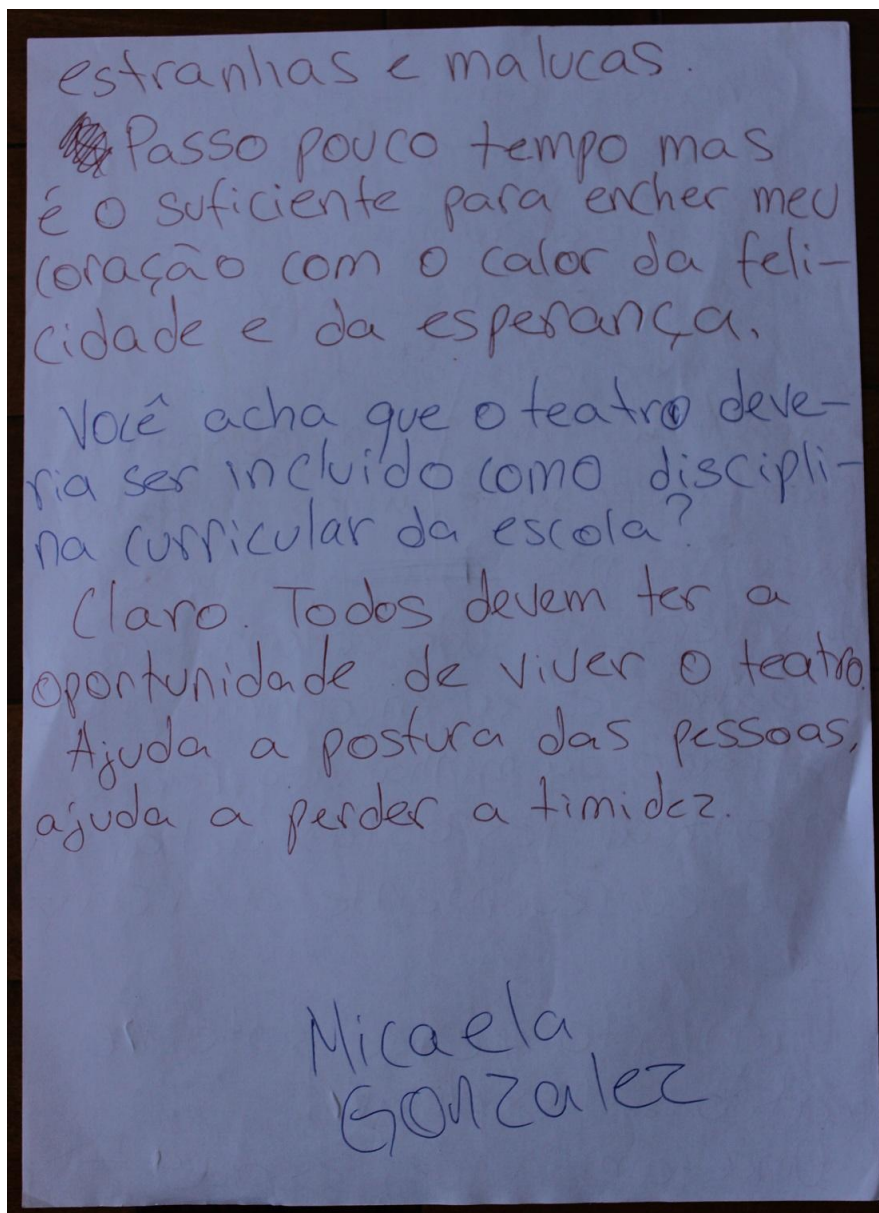


Figura 6 – Texto Micaela Gonzalez

[...] estranhas e malucas.

Passo pouco tempo mas é o suficiente para encher meu coração com o calor da felicidade e da esperança.

Você acha que o teatro deveria ser incluído como disciplina curricular da escola?

Claro. Todos devem ter a oportunidade de viver o teatro.

Ajuda a postura das pessoas, ajuda a perder a timidez.

Não consigo encontrar as palavras exatas para mostrar como isso influenciou minha vida. Eu mudei, muito. (Pra melhor, claro, eu suponho). Talvez uma das mudanças mais marcantes tenha sido a perda da timidez.

02. Sim. Totalmente. *Concerteza*. Agora.

O teatro, além de gerar um desenvolvimento social, gera um desenvolvimento pessoal onde é possível se encontrar consigo mesmo.

Figura 7 – Texto Nairim Tomazini

Não consigo encontrar as palavras exatas para mostrar como isso influenciou minha vida. Eu mudei, muito. (Pra melhor, claro, eu suponho). Talvez uma das mudanças mais marcantes tenha sido a perda da timidez.

02. Sim. Totalmente. *Concerteza*. Agora.

O teatro, além de gerar um desenvolvimento social, gera um desenvolvimento pessoal onde é possível se encontrar consigo mesmo.

① Eu já era extrovertida antes,
mas agora melhoro bastante
coisa também, como falar coisas que
não teria coragem antes e ~~ter~~
Ter atitudes que ~~eu~~ tinha vergonha.

Figura 8 – Texto Laura Afonso

1) Eu já era extrovertida antes, mas agora melhoro bastante coisa também, como falar coisas que não teria coragem antes e ter atitudes que tinha vergonha.

Seja por superarem desafios pessoais, seja por aprenderem a importância e complexidade da relação com o outro, cada um dos alunos entrevistados apresentou uma história da qual podiam retirar alguma aprendizagem e/ou conquista em relação ao trabalho e suas participações.

Superar a timidez, enfrentar e desconstruir preconceitos e com isso potencializar as relações com outros indivíduos e consigo mesmo são algumas das grandes conquistas destes alunos através da experiência com o teatro.

Nas entrevistas, todos foram questionados sobre como se sentiam em relação ao seu desenvolvimento pessoal e social durante as oficinas de teatro. Camile conta que sempre foi muito tímida, que não conversava com ninguém a menos que alguém comesse a conversar com ela e, com o teatro, sentia que:

“[...] era um desafio novo sempre quando eu ia em uma oficina porque não conhecia ninguém, então eu pensava “Vou ter que falar com alguém”. Às vezes era tão fácil, eu chegava lá, toda tímida, falando com ninguém... a gente terminava uma aula ou dava um tempo e eu já conhecia todo mundo. Já era um entrosamento maior, eu não precisava me forçar a falar com as pessoas.”

Compacto de suas impressões. Sinto que o teatro é capaz de promover entrosamento entre as pessoas com grande facilidade, pois exige trabalho coletivo de imediato, além de proporcionar diversas vivências onde o trabalho direto com o outro é essencial para o desenvolvimento das aulas, jogos, projetos etc.

A aluna Liv conta que, para ela, a experiência foi um momento de autoconhecimento total, pois devido à vivência que tinha em casa, sempre havia sido muito reprimida e, com a oficina, por explorar essa faceta sobre si mesma, sentiu que estava ajudando a conhecer mais de quem ela é.

Ela diz: “Teatro me atrai porque a gente está explorando muitas facetas que a gente tem e nem sabe. Dentro de nós temos muitos lados que desconhecemos. [...] Se não fosse o teatro, ficaria ali, escondido”. Complementando a fala de Liv, Nairim diz: “E tem também essa coisa da emoção de estar lá e tu ser outra pessoa, mas tu também é tu mesmo, então ao mesmo tempo que tu está extremamente vulnerável, tu não está, porque ninguém sabe quem tu é.”

William Fossati afirma ter sentido que a experiência o ajudou a potencializar tudo que acreditava, tudo o que tinha em seu corpo e não sabia. Jéssica Castrogiovanni traz o aspecto da liberdade que sentia durante as aulas de teatro, questão que a impulsionou a participar da oficina:

Jéssica Castrogiovanni: Eu achei interessante a escola abrir espaço para termos liberdade de fazer uma coisa diferente [...] Estava fora o que a gente fazia todos os dias, era mais uma libertação de chegar lá e ser quem a gente quisesse.

Todos os relatos convergem no ponto onde o ensino de artes nas escolas em que estudaram sofre de uma carência.

Não fosse pela oficina do subprojeto PIBID Teatro, esses relatos poderiam jamais ter sido recolhidos, e tudo o que foi trazido pelos alunos entrevistados é de extrema importância para o desenvolvimento de cada um deles, assim como deveria ter sido para o desenvolvimento de tantos outros que não passaram pela experiência: aceitação, descoberta de si mesmo, relacionamento com os outros, desconstrução de preconceitos, alteridade etc.

Estes são pontos que parecem estar cada vez mais sendo negligenciados pelo sistema educacional atual, onde o sensível é colocado à margem e o conhecimento de exatas é o centro do processo de ensino. Como consta no relato trazido pela aluna Jéssica, citado anteriormente, a escola só pensa no vestibular. Tanto Jéssica quanto William alegam:

William: A escola foi muito ruim. Foi muito desagradável.

Jéssica: Foi realmente.

William: O PIBID salvou a escola.

Jéssica: Muito, muito, muito, muito.

Nem todos os alunos tem a mesma sensação no que diz respeito à experiência que têm/tiveram com a escola, mas estes que não se identificam com o teatro ou artes em geral, possuem a oportunidade de trabalhar aquilo que os interessa dentro da escola (ou pelo menos tem mais chance de serem contemplados, na grade curricular, assuntos que os interessam), sendo que estes alunos que se sentem atraídos por conhecimentos que não são considerados de extrema importância, não possuem essa chance (geralmente os conteúdos voltados para as artes).

Cada aluno se desenvolve de uma maneira, mas estes que foram entrevistados tiveram a chance de passar e refletir situações que os fizeram crescer, situações e experiências que fizeram com que potencializassem diversos aspectos de suas vidas, como eles mesmos disseram, tornaram-se seres humanos melhores.

Sobre esse ponto, não é minha intenção afirmar que a escola e o contato com professores, colegas, comunidade escolar etc, não sustente o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno, mas acaba por não contemplar a todos, deixando de lado conteúdos que poderiam abrigar e interessar vários alunos e, dessa forma, fazer com que pudessem

desenvolver facetas (como disse a aluna Liv) que nem mesmo eles sabiam que tinham, e que podem fazer com que se tornem indivíduos conscientes e seres humanos mais sensíveis.

Outro ponto que acaba sendo marginalizado pela escola e que pode fazer toda a diferença na vida do aluno é oferecer a ele a oportunidade de experimentar, de conhecer práticas e conteúdos diferentes, afinal, se não for dessa maneira, como vai saber se se identifica ou não?

Quatro dos alunos entrevistados decidiram, após participarem das oficinas do PIBID Teatro, prestar vestibular ou optar no ENEM para teatro. Isso significa que a identificação foi tanta que escolheram seguir como profissão algo que só conheceram porque tiveram a chance de participar através das oficinas do PIBID, dado que o sistema educativo não fornecia aulas do determinado conteúdo.

Jéssica Castrogiovanni decidiu que pretende cursar Relações Internacionais, mas continua em contato com o teatro participando do projeto de mestrado do seu antigo oficinairo do PIBID, Jeferson Cabral, e disse que enxerga as reverberações do processo das oficinas na profissão que escolheu para si. Ela diz:

“Eu quero fazer relações internacionais, mais pelo meu inglês, mas o teatro é uma coisa que com certeza eu vou querer levar pra sempre. É uma das coisas em que eu me encontrei muito, então não penso em largar tão cedo, pelo menos. [...] acho que o teatro a gente pode usar em qualquer momento, tanto do jeito que a gente se expressa para os outros e porque a gente aprende a observar como os outros se expressam pra gente também. Então eu posso estar em uma reunião dialogando com uma pessoa de outro país e... é sempre uma troca, então eu acho que tem muito a ver.”

Vários foram os pontos recorrentes nas entrevistas: preconceito, motivações, superações, potencialidade, autoconhecimento, relações, descobertas, experiências, oportunidade. Todos são aspectos que nasceram através da experiência das oficinas realizadas pelo do Subprojeto PIBID Teatro, e todos reverberam tanto no desenvolvimento sensível do aluno quanto se desdobram para a vida profissional.

No que tange aos bolsistas, pode-se afirmar, segundo seus depoimentos, apresentados a seguir, que a experiência possibilita uma formação mais aprofundada, onde prática e teoria se aliam sob a perspectiva de estudantes prontos a aprenderem, a se reciclarem e criarem antes mesmo de ingressarem no mercado de trabalho.

Assim como com os alunos, começarei falando sobre os relatos dos bolsistas pelo que considero o início de tudo: o que os motivou a participarem do programa?

“[...] depois eu escolhi o PIBID para poder juntar a necessidade de trabalhar com a possibilidade de me exercitar como professora dentro da educação formal, que eu nunca trabalhei, nunca tinha trabalhado assim, eu só dava oficinas fora da escola, então foi bem legal essa experiência.” (Eveliana Marques)

“Quando eu entrei na universidade queria muito entrar em uma bolsa que me desse a chance de experimentar na prática o que eu estaria aprendendo... Fiquei encantada com o projeto e com as possibilidades, imediatamente fui atrás da Vera pra perguntar como poderia participar do pibid e ela me passou as informações...” (Laura Lima)

“Decidir participar do PIBID porque antes de entrar para a graduação em licenciatura eu já tinha tido uma experiência como professor de teatro em Uruguaiana, a cidade onde eu morava antes de vir pra cá [...] O PIBID foi uma oportunidade de voltar a dar aula, porque aqui em Porto Alegre é muito difícil o mercado, a disputa é muito grande...” (Rodrigo Rocha)

As razões que motivaram os bolsistas a procurarem o programa são similares: a oportunidade de trabalhar naquilo que se gosta. Durante o processo, foram dando conta da potência do programa não só para os alunos, mas também para eles, pois além da preparação para as aulas, da relação com os alunos etc, existe, dentro das exigências do PIBID, a reunião semanal na qual bolsistas, supervisores e coordenador se encontram para falar sobre o trabalho que vem sendo realizado.

“[...] depois do primeiro estágio dentro da graduação e com a orientação do PIBID também, da professora orientadora do PIBID, a gente começa a ver os rumos certos do que fazer e não se fazer, a troca com os colegas também é muito importante, a troca de ideias, a troca de experiências, a troca de problemas e sucessos também, contribui muito para a formação...” (Rodrigo Rocha)

“[...] uma coisa legal que eu acho também é ter uma equipe praticamente como suporte que a gente tem nas reuniões, as reuniões do PIBID que a gente pode conversar, trocar experiências, pode falar sobre alguns acontecimentos e receber retornos dos colegas, da professora Vera, para nos auxiliar e dar um suporte também, não me sinto tão sozinha no PIBID, é uma coisa que qualquer problema que possa ter ou alguma situação que eu não saiba muito como lidar, tem essa reuniões que a gente pode colocar, pode conversar, pode ter uma troca. Eu nunca tive problema nenhuma nas oficinas, mas poderia ter tido, aí ter esse suporte eu acho muito rico.” (Eveliana Marques)

O diálogo e a troca capacitam o professor em formação tanto pelo exercício da relação, da alteridade, onde somos convidados a nos colocar sob o ponto de vista do outro, de maneira a entendê-lo e, se necessário, ajuda-lo, assim como porque temos a chance de por em questionamento nossas dúvidas e compartilhar nossos sucessos e experiências. E tudo isso sob o olhar cuidadoso dos supervisores e da coordenadora que, experientes, podem guiar os

bolsistas e, ao mesmo tempo, causar desequilíbrios se for preciso, fazendo com que o aluno se indague e, fora da sua zona de conforto, se desenvolva.

Quando questionados sobre a importância do PIBID para seu desenvolvimento sensível e intelectual, os bolsistas retornam para questão da união da prática com a teoria, dizendo que no ambiente acadêmico estudam, leem, ouvem e descobrem muitos autores e metodologias, mas que no “chão da escola” nunca é como aquilo que se encontra nos livros. Eles dizem:

[...] uma vez que tu está ali, tu está estudando junto com as crianças, tu está tendo que preparar uma aula, tu ta tendo que pensar, está tendo que procurar outros autores para te inspirar para uma aula. [...] E quando tu vai pra sala de aula tu vê que às vezes teoria e prática não se encontram, ou se encontram de uma forma muito estranha, tu pensa que pode aplicar aquilo e quando tu te da conta tu está tendo que adaptar aquilo que ta escrito porque a realidade da sala de aula e dos alunos é completamente diferente daquilo que está escrito no papel, então isso contribui muito, no meu ponto de vista, para a sensibilidade do profissional, uma vez que nós somos profissionais da educação mas também somos artistas...” (Rodrigo Rocha)

“Depois que entrei no PIBID e comecei a trabalhar no PIBID, entendi como utilizar os conhecimentos acadêmicos dentro de sala de aula e que os livros eram bem diferentes do chão da escola.” (Laura Lima)

A possibilidade de poder colocar em prática aquilo que se está aprendendo dentro da universidade é, para mim, e como pode se perceber pelos depoimentos dos bolsistas, de total relevância para a formação.

Durante o percurso acadêmico passamos apenas por dois estágios de docência, em um total de 20 aulas (quando nada interfere no cronograma impedindo alguma aula de acontecer). São experiências marcantes e de total importância também, mas com o PIBID o percurso acaba sendo maior. No meu caso, passei um ano e meio dentro do ambiente escolar sob a perspectiva de futura professora. A experiência de “chão” - como disse a bolsista Laura Lima anteriormente – que obtive foi muito mais extensa que a do estágio de docência (tive cerca de 15 aulas na soma dos dois estágios).

O PIBID capacita uma formação muito mais preparada para o aluno que, desde o período acadêmico, é instigado a conhecer a realidade das escolas e, dessa forma, descobre e já experimenta aquilo que exercerá como profissão no futuro.

“Eu acredito que a experiência do PIBID sim, me transforma numa profissional mais preparada, primeiro pelo exercício da prática docente, exercício de dar aula, preparar aula, de improvisar na aula, de me deparar com situações, ter essa prática assim. E acho que por causa

disso mesmo, pela possibilidade que a gente tem de exercitar a docência no âmbito formal.” (Eveliana Marques)

Este depoimento da bolsista Eveliana Marques corrobora aquilo que vinha sendo dito sobre a importância do PIBID para a formação do aluno por colocá-lo dentro da educação básica durante o período acadêmico. Pode-se notar também nas entrevistas que o programa acaba influenciando o interesse dos futuros professores em trabalhar dentro da educação básica:

“Estar na escola durante a graduação só me mostrou cada vez mais que o lugar do estudante que se forma na universidade é estar na escola, ao invés de apenas se aprofundar cada vez mais na academia, como é bem comum ver em professores recém formados.” (Laura Lima)

“A possibilidade de bolsa do PIBID enquanto estudante era uma maneira de voltar a dar aula e fazer uma coisa que eu gostava bastante que era ensinar teatro, e ensinar teatro para crianças.” (Rodrigo Rocha)

Quanto a minha experiência com o PIBID, posso dizer que foi deste programa que tirei grande parte dos meus ensinamentos. Claro que tudo que experienciei durante o percurso acadêmico é válido, mas neste um ano e meio que passei oferecendo oficinas é que enxergo com clareza o meu desenvolvimento.

Tive a chance de passar os três semestres trabalhando com a bolsista Eveliana Marques, de quem pude extrair muito conhecimento, tanto teórico, quanto prático. Acredito que a possibilidade de exercer a docência em dupla é também uma das grandes vantagens do programa, pois aprendemos com os colegas não apenas jogos, metodologias etc, mas somos desafiados e nos relacionar com outro indivíduo que pode vir a ter uma maneira de dar aulas muito diferente da nossa.

Na minha experiência com a colega Eveliana, pude notar muitas semelhanças e também muitas diferenças entre o nosso trabalho, e vejo isso como uma excelente maneira de construir e adquirir conhecimento, pois precisamos dialogar, aceitar e discordar, criar, adaptar, tudo isso tendo em conta não só a experiência para ambas, mas também para os alunos.

Além disso, concordo com meus colegas quando ressaltam a importância das reuniões semanais. O apoio que temos nos torna fortes para enfrentarmos principalmente questões institucionais, com as quais estamos recém nos confrontando, assim como compartilhar os sucessos nos motiva e compartilhar os momentos difíceis nos ajuda.

Sinto que minha formação só foi completa pela experiência com o PIBID. Expressando-me bem pessoalmente, nunca acreditei ser suficiente o contato com a realidade escolar apenas durante os estágios e, no meu caso, ainda fui prejudicada por inúmeras questões (como disse anteriormente, tive menos de 15 aulas durante os dois processos) que tornaram a experiência ainda mais efêmera.

Como minha experiência de campo era curta, inúmeras foram as vezes em que tive que “me superar” dentro do PIBID, principalmente por estar experimentando algo novo, e por ver as oficinas não mais através da ótica de um ser humano inseguro (fato que me assolou durante os estágios), mas pela perspectiva de aprendizado mútuo, onde alunos e professor constroem conhecimento juntos.

O PIBID me trouxe ensinamentos e experiências que jamais esquecerei e com as quais me sinto segura para dar o próximo passo: ingressar no mercado de trabalho. Sinto que através do programa e, logo, da relação direta e linear com alunos de diversas idades e contextos, desenvolvi tanto meu lado sensível quanto intelectual.

Conclusão

Quando lemos a apresentação do PIBID nos sites do MEC e UFRGS, vemos uma série de objetivos, todos de fundamental importância, traçados tendo em vista o aperfeiçoamento da formação acadêmica dos bolsistas: contato direto com o ambiente escolar, articulação entre teoria e prática, incentivo à prática docente em escolas públicas da educação básica, entre outros.

No entanto, não vemos falas que apontem objetivos focados no desenvolvimento dos alunos dessas escolas públicas. Não ressaltou isso como uma falha, mas sim como uma falta no processo pedagógico.

Com o decorrer deste trabalho, fui dando-me conta de como o programa afeta a vida dos alunos e muitas vezes não pensamos sobre isso. Não diretamente, quero dizer. Preocupamo-nos em oferecer oficinas com fundamentação teórica, calcadas no interesse dos alunos e sempre pensando e reciclando metodologias de maneira a tornar a experiência agradável e passível de construção de conhecimento, mas isto mais sob a perspectiva de aprimorar nossa própria formação.

Assim que recolhi os depoimentos dos alunos, um novo horizonte se ampliou a minha frente. Em um ambiente escolar muitas vezes inóspito, onde o ensino da arte é negligenciado, os alunos demonstraram encontrar no subprojeto PIBID Teatro um lugar potências, de autoconhecimento. Um lugar espaço, um lugar oportunidade, um lugar habitação. Dentro de uma sala com configurações opostas àquelas a que estavam acostumados, onde tinham a liberdade de se mover, de se relacionar, tiveram a chance de experimentar, de provar, descobrir algo que até então muitos desconheciam. Descobrir que pertenciam àquele lugar.

Alguns dos alunos que entrevistei já direcionaram seus estudos para o teatro; ou já estão dentro da universidade ou se encaminham para ela. Estes só tomaram tal decisão porque, durante o período do ensino básico, tiveram a chance de conhecer o teatro (coisa que só foi possível através do PIBID) e descobrir que era aquilo que os tocava.

Outros dos entrevistados escolheram seguir carreira profissional uma área diferente, porém continuam em contato com o teatro, e outros apenas lembram da experiência com carinho, mas decidiram seguir outro rumo.

Porém, cada um destes alunos passou por experiências de superação, consciência de si mesmo, aceitação, potencialidade, descobertas. É possível ver em suas histórias acontecimentos fundamentais para seu desenvolvimento e que só ocorreram através da experiência com o subprojeto PIBID Teatro.

Tendo isso em vista, penso no subprojeto PIBID Teatro como um lugar de oportunidade. Tanto para os bolsistas, quanto para os alunos. Oportunidade de levar o teatro para dentro das escolas em um momento onde a arte habita a periferia das grades curriculares. Oportunidade de, como bolsistas, aperfeiçoarmos nossa formação e, assim sendo, nos tornarmos melhores profissionais. E, pensando nos impactos e desdobramentos da experiência das oficinas para os alunos, oportunidade de descobertas, tanto pessoais como profissionais, tanto sensíveis, quanto intelectuais.

Anexos

ANEXO A – Entrevista com Camile Villanova (16.09.2015)

Você entrou com 5 anos no IE. Havia teatro na escola? Qual era a tua reação com teatro? Já tinha interesse?

Lá não tinha teatro. Mas existiam as professora do CLE, de língua estrangeira, então o primeiro contato que eu tive foi na quarta série, quando uma professora do CLE resolveu fazer um teatro em francês, para a gente poder aprender enquanto se divertia.

Eu fiz um papel... era a Bela adormecida, que não era nada do esperado. Eu era a narradora e tinha as maiores falas porque contava a história inteira. Então esse foi o meu primeiro contato.

Você lembra quantos anos tinha na quarta série?

Claro, eu tinha 10 anos.

E o PIBID? Você deve ter pego o início do projeto, em 2010... Como foi que você descobriu que existia? Chegou a ter algum tipo de divulgação? Foi através dos amigos?

Foi por divulgação. Era bem legal. A gente estava na sala de aula e aí o pessoal entrava, pedia licença para o professor e era muito estranho, porque era um monte de gente, em fila, e eu atrás dos cadernos olhando e pensando “quem são essas pessoas estranhas?” Aí eles contaram sobre o projeto, que era da UFRGS... eles não falaram que era o PIBID, falaram que iriam fazer uma oficina de teatro. Acho que na época tinha mais oficinas, mas não eram algo grande... eram oficinas, parecia que era uma coisa pequena, com um término...

Eles falaram “Estaremos no recreio, se vocês quiserem se inscrever.” Muita gente se inscreveu, mas eu pensei “Não, eu não quero fazer.” E isso se repetiu depois, no outro ano. E no ano que eu quis fazer, ninguém fez isso.

Divulgação? Inscrição? Nada?

Não. Em 2011 ninguém fez isso. E aí eu já estava mais afim. Eu estava no terceiro ano e já tinha escolhido teatro como opção [vestibular].

Então antes de começar no PIBID você já queria fazer teatro?

Sim, porque eu... É complicado. Eu sempre me interessei por teatro e eu sempre fugia do teatro, então um dia eu parei “Não, espera aí, tem alguma coisa errada. Por que eu sempre fujo de uma coisa que eu sempre tive interesse?”. Aí eu conversei comigo uma madrugada inteira e cheguei a conclusão de que era aquilo que eu queria fazer para a minha vida.

Aí foi isso. Me inscrevi, não, se não me engano a inscrição da UFRGS era no meio do ano. Mas era aquilo que eu ia fazer e disse “Esse ano eu vou fazer tudo quanto é oficina.” E tinha

essa do PIBID. Só que daí ninguém fez divulgação alguma; Graças a Deus tinha o meu professor de arte, o Geraldo Fisher, e acho que foi ele que me falou que como ocorreu nos outros anos, vai ter o pessoal, só que como era uma coisa corrida eles não fizeram divulgação. Então pensei “Bah, eu quero fazer!”. Aí eu peguei os horários das aulas com ele e fui. Como eu podia eu fui de noite.

Sobre o que era a tua oficina? Tinha um tema? Quando tu foi a tua primeira aula, o que te disseram?

Quando eu fui não tinha tema. Era um negócio assim: tinha várias pessoas de idades diferentes, porque a noite acontece isso. Tinha gente de 40, 30, junto comigo, que tinha 17 e outras crianças com 8 anos. Então quando cheguei lá não tinha tema nenhum, era mais para nos envolvermos e tentar criar alguma formação de grupo.

O que aconteceu é que as pessoas mais velhas saíram muito rápido. Reclamavam que tinham coisas pra fazer ou que não tinham “corpo pra isso”. Não se deixavam ser crianças, se divertir, sabe? Então no final ficaram três pessoas: Eu, uma menina de 15 ou 14 anos e um menino de 9 ou 8 anos, e nós ficamos muito amigos. Mas no final da apresentação mesmo só ficamos eu e a menina de 15.

E quanto tempo durou a oficina?

Durou um semestre, mas teve vários momentos em que a gente não foi. O professor da época era o Ícaro, o oficineiro, e ele não nos deixava desistir: “Vocês não podem desistir, estamos aqui juntos e estamos fazendo juntos”, então criamos um senso de grupo muito grande entre nós três. Por causa disso eu ia na casa dela, até hoje falo com ela.

E para o professor eu falei logo na primeira aula que eu queria fazer isso de faculdade. Ele me incentivou bastante pra não desistir, disse que era difícil e que essas coisas aconteciam, que as pessoas desistiam, mas que também era para eu experimentar e saber se eu queria aquilo mesmo.

Acontecia também de nós três irmos, e a escola... a gente fazia aula ali no TIPIE, que é uma sala linda e que as pessoas gostam de deixar trancada.

Isso continua até hoje. Vários problemas com a sala e pessoas que não são do PIBID. Porque a sala é nossa, mas a gente chega lá ou está suja, ou tem resto de atividades dos outros... um problema.

Eu nunca tinha entrado no TIPIE antes do PIBID. Eu sabia que era uma sala de teatro, mas eu não sabia como ela era, eu não imaginava como ela era por dentro porque nenhum professor me levou e na minha época não era aberta ao público. Tu só pega [a sala] se tu é professor, nenhum professor se interessava, então nunca aconteceu.

Quando eu entrei a sala era muito linda, era toda preta, tinha uma luz muito linda e tinha cortinas pretas nas janelas. Depois reformaram e pintaram de branco, eu odiei! Parece que não da vontade de fazer, de se mexer.

Quanto tempo você ficou no PIBID?

Fiquei o ano inteiro.

Do início do processo, para quando você terminou, nesse período de um ano, você sentiu que evoluiu em algum aspecto pessoal, dentro da escola, sentiu alguma diferença em ti?

Olha, muita diferença. Eu sempre fui uma pessoa muito tímida, até hoje sou. Não vou falar com alguém se a pessoa não vier falar comigo. Quando eu era adolescente era mais complicado, porque eu me resumia a um círculo de amigos muito pequeno, quatro pessoas no máximo. A gente se conhecia desde criança e daí foi... E com o teatro era um desafio novo sempre quando eu ia em uma oficina porque eu não conhecia ninguém, então eu pensava “Vou ter que falar com alguém”. Às vezes era tão fácil, eu chegava lá, toda tímida, falando com ninguém... a gente terminava uma aula ou dava um tempo e eu já conhecia todo mundo. Já era um entrosamento maior, eu não precisava me forçar a falar com as pessoas.

Eu evoluí muito o meu pessoal principalmente. Eu me sentia mais segura. Até tinha uma coisa: na época, eu comecei a usar o meu cabelo crespo, solto, que eu não usava. Eu sempre prendia ele, porque eu sentia vergonha dele. Fazendo teatro eu comecei a me aceitar melhor, comecei a aceitar a pessoa que eu era, as minhas escolhas.

Acontecia muito que a maioria dos meus amigos era meninos ou senão as meninas lésbicas, e daí as pessoas ficavam dizendo que eu era lésbica, num sentido pejorativo, sabe? Só que eu nunca gostei, aí eu me colocava pra baixo, no sentido “Eu não quero que as pessoas me tratem mal.”, e daí fazendo teatro eu disse “E daí que a minha amiga é lésbica? Tu quer pegar ela por acaso?” “E daí que eu gosto de andar com meninos? É melhor do que andar contigo, que fica criticando as pessoas dessa forma.”

Então eu me aceitei melhor, aceitei as pessoas que estavam comigo, as minhas escolhas, eu não tinha mais medo de ir atrás de alguma coisa (no sentido pessoal, amoroso, profissional). Comecei a me vestir melhor, porque como eu não me aceitava muito bem eu andava sempre com roupa tapada, eu usava roupa de menino porque eu era muito magra e achava o meu corpo feio, feio, feio, nenhum menino ia gostar de mim. E aí eu comecei a me soltar, comecei a usar decote, comecei a usar saia, tudo o que eu quisesse. E foi maravilhoso.

Cada vez mais eu fui vendo que aquilo era pra mim, que me fazia bem, eu me sentia no meu lugar quando estava fazendo aquilo.

Foi um *baita* processo então?

Foi, foi um *baita* processo.

E agora indo para uma parte mais da educação. Teatro não faz parte da grade curricular (apenas em algumas escolas, principalmente as particulares), pegando essa tua experiência pessoal e todas essas coisas que cresceram dentro de ti, você defenderia que o teatro fizesse parte da grade curricular?

Sim.

Pode me falar por que tu acha que deveria? Por que deveria existir a oportunidade de outras pessoas fazerem teatro na escola? O que você acha que poderia ser trazido a mais para os alunos do IE?

O IE nunca foi muito problemático no sentido de relacionamentos, você chega lá e conhece todo mundo. Mas o negócio é, como qualquer escola, porque tem um monte de gente diferente, tem preconceito. E esses preconceitos, quando você é criança, muitas vezes afetam de uma maneira muito drástica na tua vida. Então eu acho que fazer teatro (em todos os tipos de escola porque escola particular tem ainda mais preconceito, o pessoal é quase todo mundo igual, vieram todos de uma certa classe média, e aí não vão aceitar uma pessoa que não veio). E daí eu acho que todo mundo se relaciona, e não se relaciona numa sala onde tem uma classe, um papel, um professor, no sentido de “Ele está na frente do quadro, nós temos que absorver tudo que ele está escrevendo”.

Então se trata de conhecer as pessoas mais como pessoas, e não como aluno, professor ou colega. E eu acho que isso ajuda, porque tu começa a respeitar melhor o teu amigo, a pessoa que está ao teu lado, e ser respeitado.

Sinceramente eu acho que forma pessoas melhores.

O que os seus pais e colegas comentavam a respeito da sua participação?

Os meus amigos acharam estranho, porque eu sempre me interessei por psicologia. Desde novinha eu lia livros do Freud, gosto muito dele, porque ele era problemático, estranho, ele tinha um pensamento meio “fora da casa”.

Meus colegas perguntavam “Ah! Mas por que tu vai fazer teatro? Tu não ia fazer psicologia? Tu ajuda todo mundo...” Só que daí eu disse para eles “Mas eu não quero dedicar a minha vida a ajudar os outros, eu quero me ajudar.” Eles disseram que “Tudo bem, tu é uma caixinha de surpresas, sempre muda de ideia, a gente te conhece. Da pra ver que tu gosta disso, então tudo bem.”

Mas era aquele tipo de coisa, tudo bem porque isso é o que tu vai fazer com a *tua* vida, então não teve nenhum problema. Porque eu também sempre me separei muito dos meus amigos: “Tu é meu amigo, mas as minhas escolhas são minhas escolhas.”

Com a minha mãe, porque não tenho pai, falei: “Mãe, mudei de ideia”, “Mudou de ideia sobre o quê?”, já sabendo, pois minha mãe me conhece muito, “Eu não quero mais fazer psicologia”, “Por que não, filha? Tu gosta tanto. O que tu vai fazer?”, “Eu conversei comigo e vou fazer teatro”, “Mas tu nunca fez teatro na tua vida!” “Mas eu gosto disso, mãe, é nisso que eu me encontro”. Contei tudo que eu falei comigo pra ela, e ela disse “Ah, filha, é verdade”.

A minha mãe é poeta, e ela disse pra mim, uma coisa que nunca vou esquecer (acho que é por isso que eu sou tão... quando estou na sala de aula eu sou “Eu vou aprender isso e vou dar o meu melhor” em tudo). Ela virou para mim e disse “Tudo bem, tu vai fazer teatro, mas tu vai saber cantar, dançar e atuar.”, eu disse “Pode deixar, porque é isso que eu quero.”

Ela me apoiou muito. Ela sempre se mostrou aberta para tudo e qualquer coisa. Sempre foi muito difícil eu conciliar minha família com meus estudos, minhas escolhas, porque eu sempre tive que estar lá para eles, porque era eu e a mãe, eu e a mãe. A gente sempre lutando para ter uma vida melhor, então ela sempre esteve ao meu lado e dizia “Tu quer fazer isso então tu vai dar o teu melhor, tu não falta a aula. Se tu ver que está faltando muito tu cancela isso porque tu não está dando o teu melhor. Tu volta e começa do zero”. Ela sempre me deu muita força.

Como vocês descobriram sobre a oficina e o que fez vocês participarem?

Liv: No primeiro ano eu lembro que a gente estava atrás de uma oficina do PIBID Teatro, a gente ouvia sempre falar. Tinha essa sala do TIPIE, que a gente entrava sempre na aula de artes, e a gente ouvia falar que tinha projeto de PIBID de teatro aqui, só que a gente se perguntava “Ta, mas onde? Quando? Como?”

Lembro que a gente ia na direção, e pedia “Quando é que tem PIBID Teatro?” “Bah, tem de tarde.” De tarde não dava, era a nossa aula. Aí lembro que no segundo ano, a Nairim entrou no colégio, a gente finalmente conseguiu pedir, falando com o professor João, “Vê se tem uma oficina de manhã ou de noite!”

Nairim: Só que só funcionou no segundo trimestre.

Liv: É, daí a gente teve que esperar um pouco. As oficinas eram só no segundo trimestre.

E por que vocês queriam fazer teatro?

Nairim: Então, a Liv eu não sei, mas eu faço desde pequena. Um dia, com 9 anos, a minha mãe disse “Tu vai fazer teatro.”, e eu disse “Não”, e ela disse “Vai!”. Aí eu fui e acabei gostando muito e continuei.

Eu acabei parando porque mudei de cidade, aí quando teve a oportunidade de fazer aqui na escola, eu vim.

Liv: Eu lembro que quando era pequena também, eu participei de alguns espetáculos e acho que era teatro infantil... eu realmente não me lembro, porque eu era muito pequena, mas eu já cresci assim. A minha avó sempre dizia “Essa gurria vai ser atriz!”.

Sabe aqueles desenhos de criança pequena? Eu imitava as personagens, aí minha avó vivia dizendo “Essa gurria vai ser atriz.” Aí cresci, e meio que foi esquecido por *n* questões. Depois, logo que entrei no ensino médio, eu tive um período de me descobrir melhor, sabe? E o teatro acho que foi uma das primeiras coisas que pensei “Isso me atrai”.

Eu gosto bastante, via peças e pensava “Nossa, deve ser muito legal”. Mas ainda não tinha pensado como profissão... Tive uma época em que queria fazer música, só que... daí entra a importância da oficina do PIBID, porque fazendo o curso de música e ao mesmo tempo fazendo as oficinas de teatro, eu comecei a notar que no teatro eu me sentia muito melhor do que na música.

Não sei por que motivo, por que razão. Me sinto muito melhor no teatro do que na música, aí eu tive uma crise existencial no meio do ano e então... “Eu vou fazer teatro. Ponto, acabou, é

isso que eu quero.” E não me arrependo da decisão, a gente já se inscreveu [no vestibular] e estou bem feliz.

E lá no começo da oficina, o que vocês esperavam? Vocês tinham ideia do que seria?

Nairim: Eu não sei, antes a gente tinha tido umas aulas com o... [foi interrompida]

Liv: Ah, a gente teve aula com o Marcelo (oficineiro do PIBID), mas foi uma ou duas... Bom. Eu já estava por dentro do que acontecia em uma oficina de teatro, mas nunca tinha feito uma realmente, como a gente fez, um ano seguido.

Teve muita coisa que me surpreendeu bastante. A gente entra em contato com coisas que eu não imaginava.

Tipo o quê?

Liv: Os exercícios que a gente faz, principalmente. O contato com o colega, conectar a turma toda, conectar consigo mesmo. Não só representar, mas também ter aquele momento de refletir sobre si mesmo.

Nairim: Pra mim é basicamente isso também. Quando eu fazia eu era muito pequena, então era aquela coisa meio infantil, to tipo “Ah, vamos fazer tal brincadeira...” E quando a gente veio pra cá foi também um pouco surpreendente, porque tinha coisas que eu jamais imaginaria, tipo o que a Liv falou, de conectar todo mundo e de prestar mais atenção em ti mesmo, dentro de ti, e não no que ta ao redor, enfim...

Liv: Eu acho que é questão de prestar atenção em ti e no que está ao redor.

Nairim: Sim, ao mesmo tempo.

Vocês sentiram que alguma coisa mudou em vocês além dessa questão de conhecer mais o teatro?

Nairim: Eu acho que amadureci muito. Eu era muito infantil e era muito chata. Sério, eu era muito chata. Eu continuo chata, mas melhorou. Não sei **porque**. Eu acho que amadureci muito.

Liv: Eu foi o que já falei. Foi um momento de autoconhecimento total, porque toda a minha pré-adolescência eu acho que fui muito reprimida em casa e botar para fora isso no teatro ajudou a descobrir quem eu sou.

Teatro me atrai porque a gente está explorando muitas facetas que a gente tem e nem sabe. Dentro de nós temos muitos lados que desconhecemos. Se não fosse o teatro, ficaria ali, escondido. Acho isso muito legal.

Nairim: E tem também essa coisa da emoção de estar lá e tu ser outra pessoa, mas tu também é tu mesmo, então ao mesmo tempo em que tu está extremamente vulnerável, tu não está, porque ninguém sabem quem tu é.

Digamos que se o teatro tivesse alguns objetivos dentro da escola, quais seriam e vocês acham que essas oficinas ajudaram a alcançar algum (em vocês, nos colegas, coisas que vocês ouviram)?

Nairim: Eu acho que autoconhecimento e tu se integrar com os outros, porque a gente vê que as pessoas estão muito presas no mundinho delas.

Liv: Eu acho que também... a nossa escola, não sei se sempre foi assim, mas pela caminhada que eu fiz dentro do ensino estadual, pelo menos, é muito focada só na mente. Tu tem que saber, tem que decorar, e tu não aprende a ser um ser humano, a sentir coisas, a interagir com outros seres humanos.

Acho que o máximo que tu vai fazer é aprender a pensar em filosofia, por exemplo, mas aí tu não tem o que o teatro, ou artes em geral, te proporcionam, de saber se expressar, de saber ter contato com outros seres humanos, de saber fazer *aqui*, e não no papel. Acho que isso é importante também.

E sobre o apoio que vocês recebem em casa e dos colegas, o que vocês teriam a dizer?

Nairim: Eu acho que em casa eu não tenho problema nenhum. Eu cheguei para a minha mãe e disse “Mãe, eu acho que quero fazer teatro.”, ela olhou para mim e disse “Tu não vai me bancar?!”. Mas ela apoiou, ela está super afim de que eu faça.

E dos colegas eu acho que não tenho muito o que falar porque as pessoas com quem eu convivo são um grupinho mais mente aberta, então eles apoiam a gente.

Liv: Vou começar com os amigos, já que é mais fácil. Acho que a gente procura ter amigos que tenham a mente mais aberta para esse tipo de coisa, que não tenham muito preconceito... tu acaba se identificando com uma pessoa e as amizades que tu acaba fazendo vão te apoiar porque tu viu alguma coisa nelas que, não sei como dizer... “o santo bateu ali”. Então eles sempre apoiam a gente.

Mas em casa já é outro assunto. Meus pais sempre resistiram muito a que eu fizesse qualquer faculdade de artes. Já não queriam que eu fizesse música na época em que eu queria fazer música, e quando eu fiz a inscrição para teatro então... fiquei cinco dias ouvindo. “Quando tu vai desfazer a tua inscrição?” “Já trocou?” Já paguei, já era. Então não há apoio.

Minha avó me apoiou, mas ela não mora comigo. Minha avó me apoia bastante.

Mas enfim, é uma resistência que a gente tem que vencer. É só mais uma dificuldade para lidar. A gente vai desconstruindo esse tipo de preconceito.

Vocês defenderiam o teatro como parte da grade curricular da escola?

Nairim: Sim, definitivamente.

Liv: Sim.

Vocês podem falar um pouco sobre o fato de não ter artes no 3º ano?

Nairim: É uma sacanagem.

Liv: É uma sacanagem. Falando bem sinceramente agora, o que é uma aula de artes do ensino médio? Até no ensino fundamental eu acho que é assim. Aqui no IE eu acho que a gente ainda teve a chance de experimentar algumas coisas diferentes, pela possibilidade de existir a sala de teatro...

Nairim: E porque o professor Geraldo está sempre influenciando a gente.

Liv: A maioria das aulas de artes que eu tive nas escolas que eu frequentei: o aluno entra em uma sala, recebe uma folha em branco... “Te vira!”. Ou tu faz um desenho ou tu faz a releitura de alguma coisa, de algum desenho que o professor expõe. Não desmerecendo, mas... só isso. Focado em artes visuais.

A primeira experiência que eu tive com teatro foi quando o professor Geraldo trouxe algumas aulas com o pessoal do PIBID. Ele mesmo já tentou montar umas oficinas, mas aí tem o pessoal que não colabora.

Nairim: Ontem o nosso professor de literatura nos deu uma peça e disse que iríamos trabalhar com ela. Aí a minha colega “Teatro não, professor, eu odeio teatro!”. A gente só se olhou. Só que o grande problema é que essas pessoas que dizem que odeiam teatro nem sabem o que é teatro.

Liv: Mas, além disso, voltando ao que eu estava dizendo antes, tu tem essas aulas que já não são muito dinâmicas e a turma não quer participar, aí se tem um professor de boa vontade, que é formado em artes – quando é formado em artes, porque geralmente colocam outros professores para dar artes – aí se o professor quer fazer alguma coisa diferente, o pessoal se joga para os cantos da sala “Não, não quero.”, porque vai se expor ao ridículo, ou porque não aprendeu, desde o início, a se expressar, não aprendeu que a arte é importante. Não aprendeu a gostar de arte, porque eu acho que todo mundo consegue gostar de arte, é questão de aprender ou só de ter contato mesmo, porque aquilo vem espontâneo.

Aí o pessoal já não tem vontade de fazer, as oficinas que a gente teve de teatro nas aulas de artes só cinco ou seis participaram... Acho que é uma deficiência que vem desde a primeira série.

Havia teatro na escola onde vocês estudaram? Como vocês souberam do PIBID?

Jéssica: A gente estudava no colégio Marechal Floriano Peixoto. E tinha o PIBID...

Quando vocês chegaram lá já havia o PIBID então?

Jéssica: Não, não.

William: Não. Nós dois entramos lá no primeiro ano e só foi ter o PIBID no nosso terceiro ano, e a gente só teve contato com ele em agosto do ano de 2014.

Então fora o PIBID não tinha teatro na escola. Mas e nas artes, o que tinha?

Jéssica: Antigamente tinha música, mas o professor saiu da escola, e ficou sem nada.

William: É que a política da escola, como toda escola, cheia de problemas, é de que só o primeiro ano deveria ter a disciplina de música pra ser estudada. O segundo e terceiro ano tinham nada.

Jéssica: Só pensavam no vestibular.

E na escola de vocês tinha algum espaço próprio, uma sala sem classes da qual vocês pudessem usar livremente?

William: Olha, se tinha eu não tive contato, porque a sala onde nós fazíamos a oficina era uma sala onde precisávamos arredar tudo, colocar mesa em cima de mesa. Era uma sala de aula normal. Inclusive as outras oficinas que tinham pelo Mais Educação na escola também eram na mesma sala.

O PIBID foi divulgado ou vocês souberam por outras pessoas?

William: Foi divulgado, foi muito bem divulgado. Foram o Jef e a Ana lá, super felizes, aí ficou aquela energia dele... “Gente, vamos fazer teatro!”

Que idade vocês tinham na época?

W: Eu tinha 17 anos.

Jéssica: Eu também.

O que te motivou a participar da oficina do PIBID?

William: Acho que foi mais pela fantasia que a gente cria com o teatro, no sentido de o teatro não ser convencional, e por ter o negócio de se mostrar... Eu sempre curti poesia, e o teatro tem poesia. E expressão corporal também, o que eu curti no teatro.

Certo, então não foi porque tu já tinha um pensamento formado de “Quero fazer teatro”?

William: Não, eu nunca tinha feito teatro, eu não sabia como era. Não sabia que tinha o jogo da bolinha! Eu pensava “Bah! Vou pegar um texto e vou destruir!” Daí chega lá e faz exercícios de técnica vocal.

Jéssica: Eu entrei porque eu achava que na escola nós éramos muito regrados a fazer algumas coisas sem a gente querer. E achei interessante a escolar abrir espaço para termos essa liberdade de fazer uma coisa de diferente, que para eles não era tão diferente, mas para a gente era muito. Estava fora do que a gente fazia todos os dias, era mais uma libertação de chegar lá e ser que a gente quisesse ser. Então foi por isso.

William: Mal sabiam eles que é completamente subversivo o teatro dentro da escola.

Jéssica: Verdade.

William: A gente conversava bastante isso com o Jef e a Ana, de ficar sentado em uma cadeira a manhã toda e a tarde ter o espaço para o teatro.

A oficina de vocês tinha algum tema?

Jéssica: A gente começou trabalhando com improviso e aí participamos daquela mostra [Troca de Figurinhas] no Instituto de Educação e ficamos trabalhando em cima daquilo, mas não foi nada regrado, do tipo “A gente vai fazer para a mostra!”.

William: Observando bem as nossas oficinas era um aquecimento voltado para a dança, propostos pelo Jef. A Ana propunha bastante jogos, aí a gente trabalhava o improviso com “o que”, “quem” e “onde” e improvisos com sensações nossas, que a gente trazia. Eles sempre foram super abertos.

Vocês esperavam alguma coisa, tinham alguma ideia ou medo que algo acontecesse em relação a oficina?

William: Eu acho que pra nós foi... novo, muito novo. A gente não sabia o que ia fazer e fomos completamente disponíveis, abertos, flexíveis...

Jéssica: Acho que foi até uma descoberta pessoal nossa.

Quanto tempo vocês ficaram na oficina?

Jéssica e William: De agosto a dezembro.

Vocês acham que a experiência ajudou de alguma forma a desenvolver o lado pessoal, social ou voltado para escola mesmo... aflorou algo em vocês?

William: Eu acho que não no sentido de fazer aflorar, porque acho que a gente já trazia toda uma carga nossa, mas isso fez com que a gente potencializasse tudo o que a gente acreditava, tudo o que a gente tinha nos nossos corpos e não sabia... “Bah! Agora vou tocar o terror na escola, agora vou fazer uns poemas e vou colar por aí, quando o professor discutir comigo eu vou projetar a voz e vou xingar ele.”

Jéssica: Muito isso.

William: A escola foi muito ruim. Foi muito desagradável.

Jéssica: Foi realmente.

William: O PIBID salvou a escola.

Jéssica: Muito, muito, muito, muito.

Vocês apoiariam o teatro dentro da grade curricular da escola?

Jéssica: Com certeza.

William: Bah! É que qualquer coisa que está dentro de uma grade não é legal.

Jéssica: É...

E imaginando que se fosse para acontecer algo com o PIBID, se fosse assim, vocês topariam?

William: Toparia, se fosse parecido com o PIBID sim, porque se fosse parecido com qualquer outra coisa seria nocivo.

Jéssica: É que eles tendem sempre a limitar muito as coisas que a gente faz na escola, e acho que o teatro perderia um pouco da essência do que ele é sendo limitado.

William: Imagina... seria apresentação para Natal, para o dia das mães...

Vocês receberam apoio da família e amigos quando disseram que estavam fazendo teatro dentro da escola?

Jéssica: Não muito. Com os amigos sempre foi “de boa”. É que na verdade todo mundo tem uma imagem ruim do teatro, de que a gente vai se largar...

William: Vai usar drogas...

Jéssica: Mas mais por isso, depois que eu comecei a fazer começaram a entender que eu estava me encontrando no que estava fazendo e que estava sendo importante para mim.

William: Eu nunca fui muito normal, então na minha família foi “Ah, tu está fazendo teatro, legal. O que eu vou te falar né? A gente esperava de ti.” Só que a minha mãe tem mais essa visão mercadológica da coisa: “Como tu vai sobreviver? Como tu vai ganhar dinheiro?”.

Jéssica, tu pensa em seguir alguma carreira já?

Jéssica: Eu quero fazer relações internacionais, mais pelo meu inglês, mas o teatro é uma coisa que com certeza eu vou querer levar para sempre. É uma das coisas em que eu me encontrei muito, então não penso em largar tão cedo, pelo menos.

William, o que fez tu decidir que queria cursar teatro?

William: Foi eu ter passado no ENEM, foi ter conseguido entrar em uma universidade com o ENEM.

Foi a tua primeira opção?

William: Foi assim: a minha nota na redação foi muito boa e a minha nota em matemática foi muito ruim. “Onde é que eu vou entrar com isso?” Na UFRGS eu não poderia tentar nenhum curso, porque tem que tirar 450 no mínimo em todas, em tirei 350 em matemática. Ainda bem que eu não preciso dela!

E agora você está satisfeito com a sua opção?

William: Demais. Eu estou vivendo teatro de segunda a segunda. E é um baita aprendizado... não tem folga do aprender.

Jéssica, você acha que o teatro vai te ajudar quando você estiver exercendo a sua profissão? A partir da experiência que tu teve e está tendo agora, você acha que vai ser útil depois?

Jéssica: Acho que sim, acho que o teatro a gente pode usar em qualquer momento, tanto do jeito que a gente se expressa para os outros e porque a gente aprende a observar como os outros se expressam pra gente também. Então eu posso estar em uma reunião dialogando com uma pessoa de um outro país e... é sempre uma troca, então eu acho que tem muito a ver.

Tu continua em contato com o teatro, certo? Com o Jeferson.

Jéssica: Sim, no projeto de mestrado dele.

Vocês querem acrescentar mais alguma coisa?

William: Hoje eu faço parte do PIBID lá na universidade, na UERGS. É muito louco.

Como funciona lá? São quantas pessoas?

William: São 25 pessoas em duas escolas. São cinco grupos e cada um tem o seu projeto.

E sobre as tuas aulas, é uma colaboração ou uma oficina?

William: Na verdade é um projeto direcionado à jovens e adultos que não tem muitas perspectivas de trabalho. A gente tem esse projeto para fazer esse meio-campo da universidade com eles, levando pessoas de diversas profissões para trocar uma ideia com eles.

Há quanto tempo tu está dando aula lá?

William: Há uns três ou quatro meses.

Você acha que é válida, para exercer a profissão no futuro, a experiência de passar pelo PIBID durante o período acadêmico?

William: Demais. Isso é que é muito bonito, porque lá na UERGS, não sei se funciona assim aqui, a pessoa entra no primeiro semestre e já tem a oportunidade de entrar no PIBID. Aí chega no terceiro semestre e essa pessoa já tem uma outra percepção de educação, de pedagogia, a pessoa é super sensível a essas questões.

ANEXO D – Depoimento Laura Lima

Quando eu entrei na universidade queria muito entrar em uma bolsa que me desse a chance de experimentar na prática o que eu estaria aprendendo. Um dia eu estava em uma palestra no DAD e a Vera falou sobre o PIBID no IE (escola que eu tinha estudado antes de ir pro DAD)

Fiquei encantada com o projeto e com as possibilidades, imediatamente fui atrás da Vera pra perguntar como poderia participar do PIBID e ela me passou as informações e me falou que iam abrir trabalhos no Julinho (escola onde eu comecei a fazer teatro e onde eu descobri que curso eu queria fazer).

Depois que entrei no PIBID e comecei a trabalhar no PIBID entendi como utilizar os conhecimentos acadêmicos dentro de sala de aula e que os livros eram bem diferentes do chão da escola. Estar em escolas que frequentei como aluna na postura de professora/pesquisadora foi fundamental para mim. Estar na escola durante a graduação só me mostrou cada vez mais que o lugar do estudante que se forma na universidade é estar na escola, ao invés de apenas se aprofundar cada vez mais na academia, como é bem comum ver em professores recém formados.

Acho que eu tenho três coisas que me marcaram na minha vivência no PIBID. Não necessariamente nesta ordem.

1. Ter voltado para o Julinho como professora de teatro e ter construído um espetáculo maravilhoso com os alunos foi muito bom.
2. Ter descoberto a educação infantil e as possibilidades com eles.
3. O dia que estava passando em sala e uma aluna negra me perguntou se eu daria aulas na escola, quando disse que sim ela ficou muito feliz e eu entendi o significado que eu estava fazendo pra ela ali.

ANEXO E – Depoimento Eveliana Marques

Por que eu decidi participar do PIBID? A primeira coisa foi que... o primeiro momento que me fez buscar, na verdade, foi uma bolsa pra trabalhar, então foi a função de trabalhar. Eu consegui uma bolsa com a professora Camila Bauer, de visitação com a minha palhaça, num asilo, no Lar Santo Antônio, de senhoras, e no meio disso eu conheci o PIBID e daí achei que tinha mais a ver comigo pelo meu curso ser de licenciatura e de eu ter uma oportunidade de exercitar a minha prática docente com uma coordenação, uma assessoria mais formal, no caso de professora Vera. Então uma bolsa também que tivesse mais a ver com o meu curso mesmo, com a minha vocação. Primeiro então foi por trabalho e depois eu escolhi o PIBID para poder juntar a necessidade de trabalhar com a possibilidade de me exercitar como professora dentro

da educação formal, que eu nunca trabalhei, nunca tinha trabalhado assim, eu só dava oficinas fora da escola, então foi bem legal essa experiência.

Eu acredito que a experiência do PIBID sim, me transforma numa profissional mais preparada, primeiro pelo exercício da prática docente, exercício de dar aula, preparar aula, de improvisar na aula, de me deparar com situações, ter essa prática assim. E acho que por causa disso mesmo, pela possibilidade que a gente tem de exercitar a docência no âmbito formal.

A importância do programa para o meu desenvolvimento sensível e intelectual a partir da experiência do PIBID? Essa questão de poder exercitar essa prática, e uma coisa legal que eu acho também é ter uma equipe praticamente como suporte que a gente tem nas reuniões, as reuniões do PIBID que a gente pode conversar, trocar experiências, pode falar sobre alguns acontecimentos e receber retornos dos colegas, da professora Vera, para nos auxiliar e dar um suporte também, não me sinto tão sozinha no PIBID, é uma coisa que qualquer problema que possa ter ou alguma situação que eu não saiba muito como lidar, tem essa reuniões que a gente pode colocar, pode conversar, pode ter uma troca. Eu nunca tive problema nenhuma nas oficinas, mas poderia ter tido, aí ter esse suporte eu acho muito rico.

Então acho que a importância do programa para o meu desenvolvimento sensível e intelectual é primeiro também em função de poder ter a prática docente, ter essa experiência, porque eu acho que só a experiência mesmo que nos vai tornar mais sensíveis e mais intelectuais no caso, e por ser dentro do âmbito acadêmico também, acaba que a gente tem que ter um suporte mais intelectual também e isso aí ajuda. E também esse suporte do grupo nas reuniões, que qualquer coisa que tenha a gente pode trocar nas reuniões, qualquer coisa até de bibliografia ou de referências que a gente queira em termos de teoria a gente tem o suporte da professora e dos colegas, então acho isso muito legal também.

O que mais me marcou durante o processo eu acho que é ter tido essa experiência dentro da escola, dentro das burocracias do meio escolar e, ao mesmo tempo, acho que isso me trouxe uma certa flexibilidade também, eu sempre fui muito rígida em oficinas e as escola parece que... o fato da experiência dentro do instituto de educação me trouxe uma certa flexibilidade eu acho, até em termos de roupa de trabalho, que é uma exigência que eu sempre tive muito, e brincar mais, acho que isso é uma coisa que me marca dessa experiência do PIBID, que foi aprender a relaxar mais, aprender a me divertir mais com a turma, a ouvir mais as necessidades da turma, então acho que isso pode ter sido a coisa que me marcou mais.

ANEXO F – Depoimento Rodrigo Rocha

Decidi participar do PIBID porque antes de entrar para a graduação em licenciatura eu já tinha tido uma experiência como professor de teatro em Uruguaiana, a cidade onde eu morava antes de vir pra cá, num colégio marista, um pouco por necessidade, um pouco pra poder ganhar uma grana e poder me sustentar numa primeira experiência fora de casa, longe da minha família, mesmo eu já tendo 24 anos, e eu acabei me apaixonando pela licenciatura, acabei me apaixonando por ensinar teatro, eu acabei vendo que eu podia despertar nas crianças algo diferente e gostei muito disso, acabei me apaixonando de verdade pela licenciatura, tanto que eu optei pela graduação em licenciatura não só para não passar fome como ator, mas também porque eu gostava, gosto de dar aula. O PIBID foi uma oportunidade de voltar a dar aula, porque aqui em Porto Alegre é muito difícil o mercado, a disputa é muito grande e as pessoas te pedem no mínimo uma graduação.

A possibilidade de bolsa do PIBID enquanto estudante era uma maneira de voltar a dar aula e fazer uma coisa que eu gostava bastante que era ensinar teatro, e ensinar teatro para crianças. E eu acredito sim que o PIBID ajuda muito na questão da preparação profissional, uma vez que quando eu dava aula lá em Uruguaiana, eu dava aula de uma forma que eu achava que era certa, e hoje vejo que em muitas coisas eu errei, outras eu realmente acertei, outras eu não descobri se estava certo ou se estava errado, mas depois do primeiro estágio dentro da graduação e com a orientação do PIBID também, da professora orientadora do PIBID, a gente começa a ver os rumos certos do que fazer e não se fazer, a troca com os colegas também é muito importante, a troca de ideias, a troca de experiências, a troca de problemas e sucessos também, contribui muito para a formação, e acho que graças ao PIBID eu vou sair da graduação como um profissional de educação muito mais preparado.

E acho também importante o programa para o meu desenvolvimento sensível e intelectual em função disso, porque uma vez que tu está ali, tu está estudando junto com as crianças, tu está tendo que preparar uma aula, tu ta tendo que pensar, ta tendo que procurar outros autores para te inspirar para uma aula, ou até para uma apresentação ou para fazer os alunos se interessarem por aquilo que está sendo trabalhado... é o que eu acho de mais importante no que diz respeito ao desenvolvimento sensível e intelectual até porque dentro da sala de aula tu vê tudo muito na teoria, muito dado, muito falado, muito lido. E quando tu vai pra sala de aula tu vê que às vezes teoria e prática não se encontram, ou se encontram de uma forma muito estranha, porque tu leu uma coisa, tu pensa que pode aplicar aquilo e quando tu te da conta tu está tendo que adaptar aquilo que ta escrito porque a realidade da sala de aula e

dos alunos é completamente diferente daquilo que está escrito no papel, então isso contribui muito, no meu ponto de vista, para a sensibilidade do profissional, uma vez que nós somos profissionais da educação mas também somos artistas e pro desenvolvimento intelectual também, porque a gente acaba desenvolvendo teorias e formas de trabalhar que fazem, exercitam o pensamento e, desse ponto de vista eu acho que contribui muito para o desenvolvimento intelectual

E o PIBID me marcou muito. Foi meu primeiro ano, eu pretendo ficar o ano que vem, mas me marcou muito pelo meu retorno oficial à sala de aula, saber que toda semana eu teria que ir lá dar uma aula para os meus alunos, encontrar com meus alunos. Eu trabalhei esse ano no PIBID em colaboração, então toda terça-feira de manhã eu tinha a turma certinha ali, a turma do 5º ano da professora Cleia e eles estavam lá todos que iam pra aula naquele dia e eles curtiam muito os jogos e as propostas que eu e a Laura que é a minha dupla, que a gente propunha pra eles, e isso me marcou muito, os olhinhos deles brilhando, querendo jogar e querendo brincar e querendo fazer alguma coisa relacionada a teatro. Isso me marcou muito. Esse meu retorno à sala de aula, porque eu estava há 5 anos parado, 5 anos sem dar aula, e voltar para a sala de aula esse ano, através do PIBID, foi o que mais me marcou, esse meu reencontro com os alunos.

Referências

BARROS, Alexandre D'Avila. **Teatro nas Artes**: experiências de sala de aula na construção de um currículo inclusivo de teatro na escola. Orient.: JÚNIOR, Mesac Roberto Silveira. Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Teatro. UFRGS. Instituto de Artes, Porto Alegre, 2014.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES), Site de apresentação do PIBID. Acesso: 10/12/2015. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra 1998

FÓRUM NACIONAL DOS COORDENADORES INSTITUCIONAIS DO PIBID (FORPIBID). Carta de Mobilização do PIBID. Mensagem recebida por e-mail em 28/09/2015.

KAPA, Raphael. Principal programa para formação de professores deve sofrer cortes de 50% a 90%. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24/06/2015. Caderno Educação. Acesso: 10/12/2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/principal-programa-para-formacao-de-professores-deve-sofrer-cortes-de-50-90-16534812>>.

LARROSA, Jorge. **Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2001, p. 20-28.

MEDEIROS, Marinês. **Experiência de Teatro: uma possibilidade de transformação na educação**. Orient.: REAL, Luciana Corte. Trabalho de conclusão de curso, UFRGS. Faculdade de Educação, Gravataí, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Site de apresentação do PIBID. Acesso: 10/12/2015. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/pibid>>.

PUPO, Maria Lúcia. **Teatro e Educação Formal**. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2015, p. 01-07.

SANTOS, Vera Lucia Bertoni. **Brincadeira e conhecimento**: do faz-de-conta à representação teatral. Porto Alegre: Mediação, 2004

SANTOS, Vera Lucia Bertoni. (Org.) **Iniciação à Docência em Teatro**: ações, relações e reflexões. São Leopoldo: Oikos, 2012.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Empilhando carteiras à procura de um espaço vazio**. Artigo publicado nos Anais do V Congresso Abrace, 2008. Disponível em «<http://portalabrace.org/memoria/vcongressopedagogia.htm>» Acesso em: 10/12/2015.

REVERBEL, Olga. **Teatro na Sala de Aula**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Site de apresentação do PIBID/UFRGS. Acesso: 10/12/2015. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/pibid/index.html> >.